

TEMA DE ESTUDO

**«A missão nas Equipas de Nossa Senhora»
«Enchei as talhas de água »**

Álvaro e Mercedes Gómez-Ferrer

SUMÁRIO

Introdução

- Pedagogia do tema

Capítulo I

Ser o que somos

- Missão e compromisso
- A regra de vida

Capítulo II

Ser casal

- A espiritualidade conjugal
- Dar testemunho a outros casais.

Capítulo III

Ser família.

- A espiritualidade familiar
- A outra fecundidade

Capítulo IV

Ser presença

- As atitudes de Maria
- Dar à luz Cristo

Capítulo V

Ser leigos

- trabalho profissional
- Mudar o mundo

Capítulo VI

Ser comunhão

- A chamada a um maior amor
- Membros da Igreja

Capítulo VII

Ser discípulos

- caminho das bem-aventuranças
- Unidos à cruz de Cristo

Capítulo VIII

Ser testemunhas

- A dupla paixão
- Como Deus faz os milagres

Introdução

A primeira frase da orientação de Fátima dita por Maria nas Bodas de Caná - «*Não têm vinho*» - impele-nos a abrir os olhos diante da realidade para assim descobrir as necessidades mais urgentes. Depois, outra frase de Maria - «*Fazei o que Ele vos disser*» - leva-nos a aprofundar a atitude de escuta para confrontar a Palavra de Deus com a nossa vida.

Finalmente, a terceira frase sobre que se apoia a orientação de Fátima é a que Jesus dirigiu aos servidores: «*Enchei de água essas talhas*».

Esta frase vai confrontar-nos, ao longo deste tema, com a questão da nossa missão na Igreja e no mundo.

«Jesus poderia ter feito o milagre do vinho sem necessitar que os servidores lhe trouxessem a água. Mas tinha feito uma escolha: a de associar os homens à sua obra de redenção. Foi Ele quem quis a nossa colaboração. Temos uma grande responsabilidade. Por omissão, podemos impedir que o Senhor actue, podemos atrasar a vinda do Reino de Deus».

Todos temos alguma «água» para levar, por muito pequena que seja. São os «talentos» que o Senhor nos deu, as riquezas de graça que recebemos através do nosso Baptismo, do sacramento do Matrimónio, da nossa pertença às Equipas de Nossa Senhora e à Igreja. São também os nossos esforços de conversão, as nossas mudanças de atitude e até as nossas falhas e pobreza que tanto nos ensinam sobre nós mesmos, sobre os demais e sobre a nossa relação com Deus.

Sem preguiça, sem desculpas, sem medo, vamos levando a nossa «água». O Senhor se encarregará de a transformar em vinho. Fá-lo-á no seu tempo, que não é o nosso, à sua maneira, que pode ser diferente da que tínhamos imaginado ou esperado. É assim que nos daremos conta de que é Ele quem actua e não nós. Pedem-nos uma atitude de servidores que não regateiam esforços nem trabalho, que contribuem com o que são e o que têm, com simplicidade. Ele renovará o que fazemos, por caminhos inesperados, com a força do seu Espírito.

Álvaro e Mercedes Gómez-Ferrer

Metodologia

Cada capítulo deste tema será composto de:

1.- Textos para leitura e reflexão

Haverá sempre primeiro uma pequena citação da Exortação apostólica «Christifidelis Laici» seguida de dois textos que procurarão ir tocando em diferentes pontos relacionados com a nossa missão.

2.- Propostas práticas para «o dever de se sentar» e a «regra de vida»

São orientações práticas que querem ser um apoio para o dever de se sentar e a regra de vida, dois pontos concretos de esforço que deveremos por em comum na parte da reunião chamada Partilha.

Ao finalizar cada reunião, seria importante ler em voz alta as propostas para o mês seguinte, posto que estão pensadas para serem trabalhadas durante o mês prévio à reunião.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

4.- Oração em equipa

Capítulo I

Ser o que somos

«O convite do Senhor Jesus «*Ide vós também para a minha vinha*» continua, desde esse longínquo dia, a fazer-se sentir ao longo da história...

A chamada não diz respeito apenas aos Pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo».

(Christifidelis Laici, 2).

1.- Textos para leitura e reflexão

a) Missão e compromisso

Fomos chamados para as Equipas de Nossa Senhora. Não fomos nós que as escolhemos. Recebemos um convite de Cristo para nos encontrarmos com Ele através de um Movimento concreto. Recordemos como foi, em que circunstâncias aconteceu o nosso primeiro contacto com o Movimento e com a nossa equipa e **descobriremos aí a intervenção da mão de Deus.**

As Equipas de Nossa Senhora foram, desde a sua fundação, «*fermento de renovação na Igreja*» (H.Caffarel) ao propor uma espiritualidade conjugal e uma vida de equipa. Só continuarão a sê-lo se se unirem cada vez mais profundamente com essa intuição inicial, se «forem» o que têm de «ser», e o «forem» em plenitude. Se perderem a sua identidade, não terão nada que oferecer nem nada de específico para partilhar. O que constitui o seu mais insubstituível contributo centra-se numa maior compreensão do sacramento do matrimónio e em todo o amplo campo da evangelização do amor conjugal. As Equipas têm uma grande responsabilidade de presença, de trabalho, de difusão, nesse campo concreto. Como se diz no **Segundo Fôlego** (1988): «*O dom que o Movimento tem que oferecer à Igreja e ao mundo consiste em participar na construção do Reino de Deus a partir da nova imagem do matrimónio cristão*». Uma parte do Reino de Deus ficará incompleta ou verá atrasada a sua realização, se o nosso «talento» permanecer escondido...

Apesar disso, o Movimento deixa-nos também a liberdade de nos comprometermos onde nos sentimos chamados por afinidades particulares, por formação profissional, por circunstâncias de vida: a Igreja, a cidade, a política, a arte, o voluntariado, etc. Todos estes compromissos podem ser alimentados pela nossa pertença às Equipas mas nunca dirigidos ou sugeridos por elas.

Como Movimento, enfrentamo-nos a um primeiro problema nesta questão da missão. As Equipas de Nossa Senhora são um Movimento de espiritualidade. Não há um compromisso ou apostolado comum próprio do Movimento e proposto por este aos que nele entram. Como diz o **Complemento da Carta Fundadora «O que é uma Equipa de Nossa Senhora?»** (1976): *«As Equipas são um Movimento de Espiritualidade Conjugal, propõem aos seus membros uma vida de equipa e meios concretos de esforço para os ajudar a progredir, em casal e em família, no amor de Deus e do próximo. Deste modo, prepara-os para o testemunho, cuja forma compete a cada casal escolher, pois embora não sendo um movimento de acção, as Equipas de Nossa Senhora são um movimento de cristãos activos».*

Assim, cada pessoa, cada casal, desperta no seio da equipa para essa responsabilidade missionária do testemunho e escolhe, quando julgar chegado o momento, o tipo de compromisso com que se sente mais identificado.

Muito claro em teoria, muito difícil na prática. Quantas vezes há grandes desigualdades entre os membros de uma mesma equipa nesta matéria... Há casais que depressa assumem compromissos no Movimento, na Igreja ou no mundo. Leva-os a isso uma maior generosidade, uma sensibilidade mais desperta, um sentido da responsabilidade mais aguçado ou também simplesmente as circunstâncias da sua vida. Alguns destes casais, que muitas vezes têm a seu cargo muitos trabalhos, lamentam-se interiormente ou queixam-se abertamente de que os seus companheiros de equipa não sigam o seu mesmo caminho quando há tantas necessidades na Igreja e no mundo... Desejariam até que as Equipas fossem mais claras e mais exigentes a este respeito.

De facto, há outros casais - muitos ou poucos, conforme os países e regiões - que não vêm necessidade de se comprometer para além do seu círculo familiar e da sua pertença a uma equipa. Ainda que aparentemente não «façam» nada, sabem que o seu trabalho no seio da família é a missão prioritária da Igreja. Para além disso, também é possível que tenham ou detectem o cansaço excessivo, o desequilíbrio familiar e até os fracassos pessoais, conjugais ou familiares de muitos desses mesmos casais tão comprometidos. Também é verdade que alguns destes casais que não têm um compromisso concreto se sentem culpabilizados porque quereriam «fazer mais» mas não se decidem a dar esse passo devido a circunstâncias familiares, profissionais, de saúde, de harmonia conjugal, etc.

Não se pode ignorar a existência real de níveis muito distintos de compromisso no seio de uma mesma equipa.

São más as tensões que origina a liberdade deste comportamento tão diverso e plural dos diversos casais de uma equipa ? Nada é mais difícil do que julgar nesta questão da missão e podemos reduzi-la à mera classificação dos membros de uma equipa entre os que «fazem» e os que «não fazem», entre «fortes» e «débeis». Num

processo de conversão, um processo imprevisível e misterioso que Deus realiza no mais profundo de cada um de nós, quem é forte e quem é débil?

Temos de avançar com cuidado nos nossos diálogos sobre este assunto para não julgarmos ninguém, nem os que têm um compromisso, porque não se pode falar sobre o tempo e maturidade das pessoas, nem tão-pouco os que, levados pela dedicação aos seus compromissos, parecem afastar-se um pouco da vida da equipa, pois muitas vezes é uma certa má consciência que nos impele a criticar. Para uns e para outros há uma **missão prioritária: fazer da nossa equipa uma verdadeira comunidade**. E isso é algo que exige de nós uma vigilância constante, respeito, dedicação, compreensão.

A **Carta Fundadora** (1947) indica-nos o motivo por que decidimos formar equipa: porque temos uma *«fé indefectível no poder da ajuda fraternal»*. Sabemos que, num caminho comunitário de conversão, necessitamos uns dos outros. Nas palavras do **Segundo Fôlego** (1988): *«cada casal, em união com os outros casais, integra-se num processo vivo e dinâmico... para realizar uma tarefa comum no amor fraterno que nos une a Cristo»*. Num processo vivo nunca podemos dizer de modo definitivo: *«a nossa equipa já é uma comunidade para sempre»*. Uma comunidade cria-se e destrói-se segundo as nossas atitudes. Por isso, mais do que discutir sobre os compromissos que temos ou não temos, o que devemos fazer é ajudar-nos uns aos outros a despertar atitudes de entrega em qualquer circunstância da nossa vida, pois levar a cabo uma missão nem sempre é «fazer» ou «ter um compromisso»: é também dar-se conta, mudar o coração, aceitar, acolher, viver a vida a partir da doação de si mesmo.

b) A regra de vida

Neste ano, vamos centrar-nos num dos pontos concretos de esforço que mais deixamos de lado na Partilha: a regra de vida. O que sucede, em geral, é que a reduzimos a umas realizações tão voluntaristas, a uns sacrifícios tão infantis, que até nos custa comentá-los (*fumar menos, não tomar cafés, fazer uma visita, deixar as coisas arrumadas, ir à Missa durante a semana, etc*). Além disso, como na pilotagem nos disseram que não era preciso comunicá-la aos outros ... limitamo-nos a dizer: *«tenho, não tenho, cumpro, vou mudá-la, etc»*.

Que diz a **Carta Fundadora** das ENS sobre a regra de vida? *«Sem regra de vida, a fantasia preside muitas vezes à vida religiosa dos casais e torna-a caótica. Esta regra de vida (...) não é mais do que a determinação dos esforços que cada um entende impôr-se para responder melhor à vontade que Deus tem a seu respeito. Não se trata de multiplicar as obrigações, mas de as definir a fim de escorar a vontade e de evitar a deriva»*.

A forma de redigir sofre do estilo da época (no ano de 1947), mas temos de nos fixar no sentido profundo que se esconde por trás da escolha de determinadas

palavras. Às palavras «caótica», «fantasia», «deriva», opõem-se as palavras «determinação», «esforço», «escorar a vontade». Trata-se, pois, de um trabalho, de um exercício, de uma pedagogia que cada um se impõe a si mesmo. Esse trabalho tem um objectivo: «responder melhor à vontade que Deus tem a seu respeito».

Qual é essa vontade de Deus acerca de nós? A primeira coisa que Deus quer de uma pessoa é que seja mais pessoa, que seja pessoa em plenitude.

«Se não nos construímos como pessoas com um mínimo de maturidade e de equilíbrio, tudo o mais é inútil. No fundo de todo o ser humano latem uma série de insatisfações profundas, medos, necessidades encobertas. Egoísmo, falta de aceitação de si mesmo... que são um verdadeiro tecto que bloqueia o conhecimento de si próprio na verdade, o crescimento no amor, o encontro com o outro...»

Como pode estar atento ao outro, o que tem uma necessidade não superada de centrar a atenção sobre si mesmo?

Como pode aceitar o outro tal como é, quem não se aceita razoavelmente a si mesmo?

Como pode valorizar o outro, quem se menospreza?

Como pode tornar agradável a convivência, quem só sabe criticar, queixar-se, desprezar, comparar, contrariar, chantagear?

Como pode responder às necessidades do outro, quem não sabe escutar?»

(Manuel Iceta s.m.)

Sobre essas carências humanas, não se pode construir uma vida de oração, nem uma espiritualidade conjugal, nem uma vida de equipa. E se se constrói, constrói-se num falso equilíbrio que ameaça derrubar-se a qualquer momento.

Diz também Manuel Iceta que a **regra de vida exige de nós um trabalho pessoal que consiste numa série de passos:**

1.- Darmo-nos conta. Estarmos atentos às nossas atitudes quotidianas, à maneira e ao tom com que nos dirigimos aos demais, às palavras que mais repetimos, às atitudes desproporcionadas que temos.

2.- Tentar descobrir o porquê dessas atitudes, reacções, tom, palavras. Tudo tem um porquê, tudo responde a necessidades, medos, egoísmos que estão no fundo do nosso ser bloqueando a nossa conduta, condicionando as nossas respostas, reduzindo a nossa presença e o nosso amor.

3.- Reconhecer essa parte de nós mesmos que descobrimos e fazer, com humildade, cada um diante de Deus e sobretudo diante do outro, **a oferta** dessa pobreza, dessa fragilidade, dessa carência.

4.- Trabalhar para assentar suportes pessoais.

Procurar com a ajuda do outro uma regra de vida apropriada que nos ajude a mudar esse tom, essas palavras, a curar essa carência, a construir outra atitude.

As «regras de vida» que iremos propondo em cada capítulo estão pensadas com esta perspectiva. Querem dar «pistas» que nos ajudem a descobrir o sentido

profundo da regra de vida. Mas haverá que ter presente que cada uma destas «pistas» necessitaria de um trabalho pessoal mais prolongado e duradouro do que o que podemos realizar durante um mês.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a «regra de vida».

Perguntas para o «**dever de se sentar**»:

Com a ajuda do outro, vamos descobrir cada um:

- Qual é a minha atitude mais frequente? Qual é a palavra e o tom que mais utilizo? Em que tipo de ocasiões ou circunstâncias reajo sempre de forma desproporcionada, exagerada?

Sugestões para a «**regra de vida**»

- Observarmos e darmos-nos conta, ao longo do mês, daquilo que começámos a descobrir sobre nós mesmos no «dever de se sentar»(atitudes, tom, palavras, reacções desproporcionadas).

Na **Partilha**, daremos a conhecer o que acharmos conveniente sobre estes pontos concretos de esforço.

3. - Perguntas para partilhas na reunião da equipa

- A missão muda segundo as circunstâncias da vida? Como descobrimos qual é a nossa missão?

- O que nos chamou mais a atenção no texto intitulado «a regra de vida»?

4. - Oração em equipa

(Mat. 20 1-4)

«Com efeito, o reino dos céus é semelhante a um proprietário que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles a um denário por dia e enviou-os para a sua vinha. Saiu depois pela terceira hora, viu outros, que estavam na praça, ociosos e disse-lhes: «Ide também vós para a minha vinha e tereis o salário que for justo».

Capítulo II

Ser casal

«O sacramento do Matrimónio, que consagra esta relação (entre o homem e a mulher) na sua forma conjugal e a revela como sinal da relação de Cristo com a Sua Igreja, encerra uma doutrina de grande importância para a vida da Igreja; essa doutrina deve atingir, por meio da Igreja, o mundo de hoje; todas as relações entre os homens e a mulher se devem alimentar desse espírito. A Igreja deve utilizar tais riquezas de forma ainda mais plena.»

(*Christifidelis Laici* 52)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) A espiritualidade conjugal

O amor de Deus e o amor conjugal provêm da mesma fonte, participam de um mesmo Amor. Impressiona pensar que cada um de nós descobre melhor o que é o amor de Deus graças às atitudes de amor que o outro tem para com ele. Claro que o amor de Deus ultrapassa o nosso amor de casal. E isso faz com que fique sempre um pequeno vazio, uma ânsia por mais, no mais profundo da nossa relação conjugal. Esse vazio não é culpa do outro. Só o encontro definitivo com o Amor total colmatará esta fome insaciável de amor que, inevitavelmente e por muito que tenhamos quem goste de nós, todos arrastamos.

Por outro lado, no momento da nossa boda sacramental, decidimos percorrer juntos um caminho *«que nos convertesse em «sacramento», em sinal do amor de Deus de um para o outro, e dos dois para os nossos filhos e para os demais»* (Manuel Iceta s.m.).

Talvez não o tenhamos decidido conscientemente, é possível que houvesse muita ingenuidade da nossa parte, mas também havia muita generosidade. É esta atitude inicial de confiança que temos de desenvolver. É como alguém que tem um cofre com um tesouro do qual pode ir tirando coisas maravilhosas ao longo da vida, mas não tem consciência de o ter ou não quer fazer o esforço de o abrir e que, por isso, pode chegar a nunca descobrir esse tesouro.

A espiritualidade conjugal que descobrimos nas Equipas é, pois, o sentido que damos à nossa vida diária, a orientação com que vivemos os acontecimentos que se nos apresentam, as opções que tomamos, quer dizer, o projecto comum de vida que construímos juntos. Como casal cristão, vamos aferindo esse projecto com o que nos diz e sugere a Palavra de Deus. Essa Palavra ajuda-nos a moldar e a purificar o **nosso projecto para o ajustar cada vez mais à vontade de Deus.**

Em segundo lugar, a espiritualidade conjugal leva-nos a **procurar a verdade sobre nós próprios e sobre o outro**. O facto de termos falado muito quando eramos noivos não significa que já vivemos na verdade para sempre e que já nos conhecemos totalmente. A busca da verdade é um esforço para toda a vida porque nós mudamos e a nossa relação muda também ao longo dos anos. O outro é um ponto de referência inestimável para nós próprios, é por vezes o interpelador que desmascara tantas auto-justificações, é sempre o companheiro nessa procura partilhada de conhecermos mais, de compreendermos melhor, de nos aproximarmos juntos da Verdade.

A espiritualidade conjugal conduz-nos, finalmente, a **uma maior comunhão**, a um encontro sempre renovado entre nós, feito de esforço e criatividade em partes iguais. O amor não é somente um sentimento. É também adesão da vontade profunda. Às vezes não sentimos que amamos, mas sabemos que amamos e, sobretudo, que queremos amar. Queremos que o nosso amor dure, queremos ultrapassar as crises, queremos ser fiéis, queremos viver a nossa sexualidade na qualidade de um encontro entre pessoas e não na insatisfação ou na rotina. A espiritualidade conjugal encarna-se também em todas as simples e diárias relações que se estabelecem entre nós pelo facto de sermos homem e mulher. «A espiritualidade conjugal recebe a sua especificidade do carácter sexual inscrito no sacramento do matrimónio» **(Segundo Fôlego)**.

A espiritualidade conjugal não é, pois, algo alheio à vida, mas sim a própria vida com uma nova perspectiva. Esta perspectiva leva-nos a procurar juntos a vontade de Deus, a verdade e a comunhão. Dito assim, isto assusta um pouco. Mas a tudo se chega por passos sucessivos, o importante é que o objectivo seja claro e a pedagogia seja a adequada. As orientações que, de seis em seis anos, o Movimento propõe, por exemplo, vão-nos assinalando atitudes sucessivas para a assimilação concreta dessa espiritualidade.

Todas as espiritualidades que existem na Igreja têm, em último termo, o mesmo objectivo: viver segundo o Espírito de Cristo. A especificidade de cada espiritualidade reside na força particular com que sublinha este ou aquele aspecto, esta ou aquela atitude, e sobretudo na pedagogia, nos métodos que utiliza. Há uma relação estreita entre espiritualidade e pedagogia. Conforme a pedagogia que se escolhe, assim se cria um tipo de espiritualidade e de pedagogia. Não se obtém o mesmo tipo de espiritualidade com uma pedagogia individualista ou com uma pedagogia comunitária, com uma indutiva ou com uma dedutiva, com uma orientada para a comunicação ou com uma orientada para a interiorização, etc.

A espiritualidade conjugal tem uma pedagogia baseada na comunicação, na oração, no perdão e na celebração. Essa pedagogia foi descoberta pelas Equipas e traduzida em propostas muito concretas: oração pessoal, oração conjugal, dever de se sentar, escuta da Palavra, regra de vida, retiso em casal.

Por muito convencidos que racionalmente estejamos sobre a importância da espiritualidade conjugal, não a encarnaremos na nossa vida de casal se não utilizarmos assiduamente estas propostas concretas. Sem método, perdemo-nos em ambiguidades ou ficamo-nos por declarações de boas intenções. Exercitarmo-nos numa pedagogia, compreendendo bem a intenção profunda de cada método, far-nos-á crescer como casal.

Não vamos falar aqui de cada um desses pontos concretos de esforço mas unicamente dessa pedagogia de fundo que está subjacente a todos eles:

A comunicação: Falamos facilmente sobre o que fazemos, raramente falamos do que sentimos. Aprender a escutar e a dialogar é uma arte que exige de nós um compromisso sério, assiduidade, observância de certas regras, etc. Exige também que nos revistamos de outro espírito e que comecemos o nosso dever de se sentar dando-nos conta de que, mesmo quando o não invocamos, o Senhor está presente entre nós, que Ele nos ajuda a descobrir aquilo que tínhamos guardado no mais profundo do coração, que nos dá forças para não deixarmos apodrecer no ressentimento e no silêncio o que nos causa dano; que nos dá também a ternura precisa para manter um diálogo no qual não faltem as «carícias» (um olhar cheio de admiração ou de amor pelo outro, palavras que digam tudo o que descobrimos de bom na nossa relação de casal).

Essa mesma comunicação prepara-nos para uma melhor aproximação do tema da **oração**, porque a oração é também diálogo de pessoa a pessoa com Cristo. Mais importante ainda do que falarmos de nós próprios, é que acolhamos e escutemos as palavras d'Aquele que nos ama e que nos procura. A oração conjugal não é tanto meditar sobre temas elevados ou ler textos espirituais magníficos, mas sobretudo dirigirmo-nos juntos a Deus e reflectir juntos diante d'Ele sobre as questões mais importantes da nossa vida e do nosso amor.

Quanto ao **perdão**, não constitui um dos métodos das Equipas de Nossa Senhora, mas todos os outros nos preparam e nos levam a recorrer a ele. Feridos pelos golpes da vida, pelo mal que fazemos e que não queríamos fazer, feridos pelas inevitáveis crises de crescimento do nosso amor... temos de aprender a perdoar e a pedir perdão. Recorrer ao perdão é também falar do bem. Tantas vezes falamos um ao outro do mal, que convém de vez em quando compensar... O sacramento da reconciliação tem hoje pouco êxito. No entanto, a nossa Igreja católica conhece bem a natureza humana. Porque não recorrer a essa certeza total de nos sentirmos perdoados da parte de Deus, que nos garante o sacerdote?

As Equipas, marcando tempos concretos para o dever de se sentar, a oração, o retiro, etc., assinalam-nos a importância da **celebração**. Celebrar é recordar: palavras, momentos, dias, acontecimentos, lugares. Esquecemo-nos de recordar tudo o que o outro fez por nós e quanto gostou de nós. Quantas vezes, recordar juntos momentos de união desbloqueou situações de afastamento. Celebrar é também encontrarmo-nos

com uma maior intensidade para compensar a vida diária que nos impele a levarmos actividades paralelas, propormos uma conversa, uma saída, um encontro, um passeio, uma pequena viagem.

b) Dar testemunho a outros casais

«Apesar da nossa pobreza e da nossa passividade... Deus escolheu-nos e colocou-nos entre os homens para sermos presença viva do seu amor. Cada cristão é alguém escolhido para dar testemunho de uma missão. Pelo baptismo, o cristão transforma-se num enviado para fazer presente a salvação entre os homens. Mais ainda, pelo sacramento do matrimónio os casais cristãos penetram mais profundamente no tecido da existência. São semente de transformação, ponto de referência do encontro dos homens com o Absoluto, pois Deus escolheu-os para serem a sua imagem no longo caminho da busca comum de respostas às suas nostalgias»(Cristóbal Sarrias S.J.)

Não se trata tanto de difundir as Equipas para que cresçam, nem de discutir moral ou teologicamente sobre o matrimónio cristão a tempo e a destempo, mas antes de dar testemunho do que vivemos graças às Equipas. De fazer ver que para nós, como casal, apesar das nossas debilidades e fraquezas, retrocessos e quedas, a espiritualidade conjugal foi fundamentalmente uma boa nova, porque nos uniu mais, nos fez mais felizes, mais conscientes da nossa fé, mais próximos aos demais. Como diz a **Carta Fundadora**, o nosso amor conjugal pode ser *«um testemunho aos homens, provando-lhes, com toda a evidência, que Cristo salvou o amor»*.

Não podemos dar testemunho a outros casais com as mesmas palavras que tantas vezes se utilizam em documentos e textos clericais. Essas palavras e esses argumentos dão-nos segurança mas não convencem nem atraem. Para quantos casais jovens e não tão jovens elas soam como a «cantiga de sempre»...

Nada substitui a própria reflexão sobre o que descobrimos, aprendemos, vivemos, evitamos, sofremos, encontramos. Nada convence tanto como a própria expressão, pessoal, livre, realizada com sinceridade, com autenticidade. Quando um casal se partilha a si mesmo e dá testemunho do que vive, está a convidar outros a partilhá-lo.

Não podemos limitarmo-nos a ficar contentes com o que temos recebido desde que estamos nas Equipas e a pensar que já fazemos bastante melhorando-nos a nós próprios e progredindo como casal. A grande lei da vida espiritual é que não se recebe senão para dar e que se recebe na medida em que se dá. Não nos enganemos. Não podemos guardar o que recebemos das Equipas. Ou o partilhamos de alguma maneira ou perdemo-lo. Só partilhando-o continuará a ser para nós fonte de vida.

Se antes alguém, algum outro casal, não tivesse feito o mesmo conosco, nunca teríamos descoberto as Equipas, nem a espiritualidade conjugal nem a pedagogia que nos ajuda a crescer como casal. Podemos ficar quietos quando pode haver tantos casais perto de nós que procuram o que nós estamos vivendo, tantos casais a quem ninguém dará testemunho se não o fizermos nós próprios?

Um pouco de estatística

Número total de equipas em 1 de Janeiro de 1998:

7.702 equipas repartidas por 61 países:

França 2.014, Brasil 1.587, Espanha 909, Portugal 699, Itália 504, Bélgica 420, Estados Unidos 351, Hispano-América 370 (Colômbia 141, Argentina 48, Porto Rico 51, México 36, Costa Rica 18, Rep. Dominicana 16, Equador 17, Guatemala 14, Perú 21, Paraguai 4, Chile 2, Bolívia 1, Salvador 1), Austrália 179, Grã Bretanha 128, Suíça 66, Canadá 62, Alemanha 53, Ilhas Maurícias 45, Irlanda 41, Síria 37, República Popular do Congo 30, Índia 20, Trinidad 20, Luxemburgo 18, Áustria 14, Camarão 14, África do Sul 12, Líbano 12, Togo 12, Martinica 11, Gabão 10, Senegal 7, Hungria 7, Nova Zelândia 7, Guadalupe 6, Burkina Faso 4, Angola 4, Mali 4, Guiana 3, Reunião 3, República Centro Africana 2, Fiji 2, Roménia 2, Bênin 1, Polónia 1, Indonésia 1, Nova Caledonia 1, Polinésia 1, Papuasias-Nova Guiné 1, Ruanda 1, Singapura 1, Macau 1, Mónaco 1.

2.- Propostas práticas para o dever de se sentar e a regra de vida

Perguntas para «**o dever de se sentar**»

No anterior dever de se sentar, cada um de nós descobriu, com a ajuda do outro, quais eram as nossas atitudes mais frequentes em casa, o nosso tom, palavras, as nossas reacções desproporcionadas.

- Vamos agora tentar descobrir juntos a que necessidades, medos, egoísmos, carências de cada um, isso pode dar resposta.

Sugestões para **a regra de vida**

A partir de um comentário do outro que nos tenha podido ferir no dever de se sentar mas que nos tenha interpelado no mais profundo do coração, deduziremos uma regra de vida para nós próprios.

Compartilharemos na **Partilha** o que considerarmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

- Quais são os rasgos do amor do nosso cônjuge que nos ajudam a descobrir algo do amor de Deus?

- De toda a pedagogia proposta pelas ENS, que método nos ajudou mais e porquê?

4.- Oração em equipa

Mt 9, 35-38

«Jesus percorria as cidades e as aldeias, «ensinando nas sinagogas, proclamando a Boa Nova do Reino e curando todas as enfermidades e moléstias. Contemplando a multidão, encheu-Se de compaixão por ela, pois estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor. Disse então aos Seus discípulos: «A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, portanto, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a Sua messe».»

Capítulo III

Ser família

«Também a família cristã, enquanto «Igreja doméstica», constitui uma escola natural e fundamental para a formação da fé...

Quanto mais os esposos e os pais cristãos crescerem na consciência de que a sua «Igreja doméstica» participa na vida e na missão da Igreja universal, tanto mais os filhos poderão ser formados para o «sentido da Igreja» e experimentarão a beleza de dedicar as suas energias ao serviço do Reino de Deus.»

(*Christifidelis Laici* 62)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) A espiritualidade familiar

«A espiritualidade conjugal leva inerente a espiritualidade familiar. Se a não levasse, ficaria mutilada naquilo que lhe é mais específico, a fecundidade. Acaso poderia entender-se o amor de um casal cristão que não fosse fecundo? Alguém chamaria cristão a um casal que se encerrasse no seu dualismo, num egoísmo a dois?» (Manuel Iceta s. m.)

A espiritualidade familiar começa pois pela fecundidade, por esse impulso generoso e responsável de fazer participar os outros no amor que o casal tem em si. Esse impulso instintivo encontra hoje muitas oposições ideológicas. Alguns casais jovens têm dúvidas na matéria da fecundidade: a insegurança e a violência do mundo em que vivemos, o medo ao futuro, a instabilidade do trabalho, o isolamento, as casas tão pequenas, o escasso tempo de que se dispõe, a necessidade de dois salários, as dúvidas sobre a sua duração como casal... A ocasião nunca chega e a decisão de ser pai e mãe vai sendo relegada, uma e outra vez, tão relegada que pouco a pouco se vai perdendo. Por contraposição, há hoje muitos casais jovens que reivindicam o seu direito a ser pais com prioridade e com generosidade. O seu amor mútuo precisa de crescer e têm fé na vida. Nós, os da geração anterior, temos uma parte da responsabilidade no apoio destes casais jovens. Como avós, não podemos nem devemos substituir os pais, mas devemos dar uma mão, ajudá-los, colaborar com eles.

E os casais jovens que não podem ter filhos e que são mais do que pensamos? É uma dor muito profunda e difícil de partilhar. A fecundidade não existe para eles? Não é a fecundidade uma vocação de todos os casais?

A fecundidade não é só uma capacidade biológica, mas antes uma atitude para com a vida e para com os demais. Fazer de duas pessoas «uma só carne» não

significa apenas gerar um filho, uma nova vida, mas também gerar essa nova realidade que é um «casal» e «dar vida» a todos aqueles com quem o casal se encontra. A fecundidade começa com a gestação de um projecto comum e com a abertura desse projecto aos outros e a Deus. Uma das atitudes fecundas de um casal sem filhos pode ser a decisão da adopção, que é também para o resto da família uma ocasião de crescer em generosidade.

Que mais significa ter uma espiritualidade familiar? Todos sabemos que o grande sacrifício que domina a história dos homens é o sacrifício de Cristo na cruz. Em cada Eucaristia, cada um de nós se associa a esse sacrifício dizendo no seu íntimo: «Deus meu, ofereço-te o corpo e o sangue do teu Filho, em sinal da oferenda de mim mesmo». Essa oferenda de cada um não acaba quando acaba a missa. Isso não teria nenhum sentido. É uma oferenda de cada um na vida: na vida pessoal, na vida conjugal, na vida de família. São Paulo diz-nos que esse é o culto autêntico, o núcleo profundo da espiritualidade cristã.

O autor J.M.Nouwen, no livro «Tu és o meu amado», propõe os seguintes passos para essa consagração da vida: agarrar, abençoar, partir, entregar, que são as palavras e os gestos que realiza o sacerdote na consagração eucarística. Vamos ver o que significa em termos de família ser agarrados, abençoados, partidos, entregues.

Agarrados: Ser agarrados significa ser escolhidos. Ser escolhidos significa ser amados.

Não somos fruto do acaso. Todos fomos escolhidos por Deus desde toda a eternidade por vontade expressa do seu Amor que um dia nos olhou e nos chamou pelo nosso nome.

De igual modo, os nossos filhos devem sentir-se escolhidos por nós para se sentirem amados. Não escolhemos nem o seu sexo, nem o seu físico, nem a sua inteligência, nem o seu carácter e apesar disso são únicos para nós como são únicos para Deus. O seu nascimento pode ter sido esperado, desejado ou pode ter sido um imprevisto da vida, mas nunca foi um acidente que só como acidente é suportado. A sua presença é infinitamente valiosa para nós, como o é para Deus. Tal como a presença dos nossos pais, dos nossos irmãos e dos demais membros da nossa família.

O amor não exclui ninguém. Amamos todos os filhos com a mesma intensidade, o que acontece é que o expressamos a cada um de maneira distinta. Amamo-los tanto mais quanto mais débeis, mais enfermos, mais diferentes. O amor aprende-se amando. Por isso, quanto mais se ama, maior é a capacidade de amar e maior a disponibilidade para ampliar o círculo dos que amamos.

O amor não se supõe. Há que exprimi-lo. Não podemos dizer: os nossos filhos já sabem que os amamos. Todos necessitamos que nos demonstrem o carinho, com as palavras, com os olhares, com os gestos, com as atitudes. E, sobretudo, procuremos não os comparar. Nem imaginamos o mal que causamos aos filhos

quando os comparamos, a não ser que seja para fazer ressaltar as qualidades de cada um deles que o convertem numa pessoa única.

Abençoados: Não podemos abençoar se não nos sentimos abençoados. Não se trata de o saber, mas sim de o sentir, e a única possibilidade que temos de sentir sobre nós a bênção de Deus é dando-lhe o nosso tempo na oração. Pela oração abrimo-nos à sua Presença, permanecemos diante d'Ele para que possa olhar-nos com amor, escutamos as suas palavras que nos falam do bem, que nos falam sempre de misericórdia. Estamos a falar não só da oração pessoal, mas também da oração em família, que é experimentarmos Deus todos juntos.

O segundo aspecto da nossa espiritualidade como família deveria, portanto, ser a prontidão em abençoar: bendizer com palavras, bendizer com os gestos, bendizer com o olhar. No desgaste da convivência, inevitavelmente, dizemo-nos tantas vezes um ao outro o que está mal um ao outro... Depois, muitas vezes, arrependemo-nos... mas já está dito. Poderíamos, ao menos, compensar dizendo um ou outro o que é bom, em todas as ocasiões possíveis: quando alguém na família tem um êxito, quando vimos um rasgo positivo, quando se fez um esforço... Motivarmo-nos a dizer o bem, ajuda-nos a apurar a vista nessa direcção. E cada vez descobriremos mais coisas para admirar, para valorizar. Cada vez nos será mais fácil dizê-las.

Partidos: Quer o queiramos ou não, mais cedo ou mais tarde, a vida despedaça-nos. Hoje nenhuma família está livre da dor e do paradoxo. Nunca o esteve, mas, dantes, muitas coisas ficavam sem aflorar, porque o bem do corpo familiar era mais importante do que as aspirações e a realização de cada um dos seus membros. Muitas vezes, os conflitos ficavam encobertos mas não deixavam por isso de causar danos.

Descobriremos as nossas feridas e as da nossa família vivendo na verdade, deixando que afluam os verdadeiros sentimentos, incluindo os negativos. Se só falamos com frases feitas, com lugares comuns, se dizemos coisas nas não «nos dizemos», será difícil que os nossos filhos nos falem da sua verdade mais íntima, das suas «feridas» e dos seus medos. Se nos vêem ser verdadeiros, se nos ouvem exprimir o que sentimos, aprenderão também a reconhecer os seus sentimentos e aprenderão a exprimi-los. Reconhecer o que se passa connosco, dar-lhe um nome, é já um primeiro passo para nos podermos curar.

Entregues: Se nos partiram, se nos deixámos despedaçar, não foi para ficarmos partidos, desperdiçados inutilmente, como um pão partido que seca, se esmigalha e não serve para ninguém, mas antes para nos darmos aos outros, para os fazer viver com a nossa entrega. Quanto mais partidos, mais repartidos, mais aproveitados. Quanto mais partidos, mais capazes de alimentar, de dar vida.

Cristo une-nos à sua obra de redenção através dessa nossa entrega. Ele fecunda-a. Ele dá-lhe um sentido. A nossa entrega desemboca às vezes no fracasso: fracasso com os filhos, fracasso como casal, fracasso com alguns membros da família.

Essa é uma primeira leitura, mas que há para além desse fracasso? Esquecemo-nos de Deus. Quando, da nossa parte, há uma entrega verdadeira, Deus actua e há sempre esperança.

Mas não se trata de uma entrega dolorosa, resignada, sacrificada, no sentido negativo da palavra, mas sim de uma entrega assente na nossa plenitude de pessoas e na liberdade. Aquele que vive abnegado mas frustrado e amargurado nunca é um modelo a seguir. Só transmitimos verdadeiramente o que os filhos detectam que foi positivo para nós. O que é vivido na amargura e na resignação, por muito bom que seja, não é boa notícia para ninguém e não leva ninguém a seguir esse exemplo.

Ao falar de entrega é muito importante também falar de equilíbrio. Não podemos esgotar-nos em compromissos exteriores interessantes em detrimento do tempo e da presença de que necessitam os nossos filhos e outros membro da nossa família, pois isso seria um grave testemunho negativo. Esse trabalho exterior pode ser, por vezes, mais gratificante e trazer-nos um reconhecimento mais fácil, mas nós devemos saber que, assim, estamos a faltar à primeira missão que temos como família e que as consequências podem ser irrecuperáveis.

b) A outra fecundidade

Todos sabemos que temos de continuar a «dar vida» aos filhos depois do seu nascimento, pela educação e pelo acompanhamento, que temos de «dar vida» aos demais membros da família, que é importante que ampliemos os círculos da nossa entrega e que «demos vida» também a outras pessoas e a outras famílias.

«Daremos vida» se globalmente *fazemos do Evangelho a «Carta» da nossa família*, como diz a **Carta Fundadora** das Equipas. Esta proposta é a grande meta da vida familiar, mas sentimo-nos tantas vezes tão longe de a alcançar que necessitamos de nos irmos aproximando dela a pouco e pouco.

Vamos focar algumas das atitudes que nos podem ajudar a «dar vida» aos outros, a sermos fecundos, a aproximarmo-nos desse espírito do Evangelho que nos propõe a Carta.

- **a presença incondicional:** que nada, nem maneira de pensar, nem opções de vida, nem enganar, nem separação, nos afaste uns dos outros na nossa família, que nada nos endureça definitivamente. Enquanto o diálogo se mantiver, enquanto o contacto continuar, enquanto os laços não se romperem, tudo é possível.

Mas atenção, uma coisa é acolher com o coração o filho, o parente, o amigo, cuja atitude desaprovamos e outra é desistir, aceitar o que seja, calar-se, pensar mesmo que talvez estejamos enganados e deixarmo-nos arrastar pelas últimas e disparatadas correntes de opinião. Podemos sempre falar, a partir da fé, a partir de nós próprios, com humildade, com sinceridade. A partir do amor, também podemos escutar. Encontrar-se é sempre o primeiro passo para a esperança.

- **a confiança:** *«Confiar é estar a favor do outro, do seu casal, dos seus filhos, desse membro concreto da família, desses amigos, contra os seus fracassos e não do lado dos seus fracassos e contra eles.»* (Manuel Iceta s.m.). Quantas vezes fazemos o contrário porque aproveitamos para repisar o assunto (*«Já era de prever», «já te tinha dito»*) ou dizer frases dessas que rebaixam porque expressam juízos definitivos (*«não se pode confiar em ti», «fazes sempre o mesmo»*). Isso não é boa pedagogia. Nada faz mudar tanto alguém como ter quem confie nele gratuitamente, sem que ele o mereça. *«Quantas pessoas não fizeram nada na vida porque nunca encontraram alguém que creia verdadeiramente nelas. Confiar é voltar a dar sempre outra oportunidade, como faz Deus connosco».* (Manuel Iceta s.m.)

- **a compaixão:** que o sofrimento não nos separe, não nos empobreça, não nos destrua. Que, pelo contrário, nos aproxime uns dos outros, nos amadureça, aguace a nossa ternura e a nossa sensibilidade, nos faça mais solidários com os demais. A compaixão adivinha as situações de sofrimento. Quantas vezes um membro da família, uns amigos chegados, passam por situações de angústia sem que nos apercebamos ou sem que delas nos queiramos aperceber... é muito mais cómodo não ver, pensar *«isso não pode suceder aos meus, aos meus conhecidos»*... Pois bem, pode suceder-nos de tudo, temos somente que o encarar de outra maneira, temos que o viver com outro espírito, porque esse Espírito está em nós.

- **a força interior:** a vida de família é o reino do imprevisto e rompe qualquer comodidade, qualquer rotina. Há que aprender a acolher o inesperado: encontros e celebrações, doenças e acidentes, alegrias e fracassos, presenças e ausências. Não se pode fazer tudo isso com bom ânimo, com fortaleza, se não recorremos à força interior que só Deus nos dá na oração. Quando deixamos actuar o Espírito de Deus que habita em nós, poderá romper-se o nosso coração e esgotar-se o nosso corpo, mas no mais profundo de nós haverá um espaço de calma que nos dará força e serenidade para continuar a viver e para continuar fazendo o que temos que fazer.

- **a abertura a outras famílias:** Por muito que a Igreja, como instituição - sobretudo através da paróquia, e também pelos seus documentos, etc - faça um esforço para se aproximar das famílias, por se dirigir a elas, por se encontrar com elas, nada igualará o impacto evangelizador de serem outras famílias as que se aproximam, as que falam, as que saem de si mesmas para partilhar o que vivem. Esse testemunho da hospitalidade e da palavra, completa de maneira definitiva a doutrina e a catequese dos párocos e dos religiosos. Nós, membros das Equipas, temos uma grande responsabilidade neste campo que nos vem directamente do nosso carisma. Essa missão deve levar-nos a relacionar sempre os assuntos da família com a realidade do casal porque o casal é o coração da família. Sem ela nada é possível.

Quando na Igreja se fala em família quase sempre se refere o tema da educação dos filhos. É mais fácil, menos comprometedor do que falar do casal. E, no entanto, nos problemas do casal radicam os principais problemas actuais da família.

Neste campo, as Equipas estão particularmente preparadas e podem realizar um grande trabalho.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a «regra de vida».

Perguntas para «**o dever de se sentar**»:

- que gestos, palavras e atitudes nossas cremos que «dão vida» aos nossos filhos e aos demais?

- que pessoa ou pessoas da família, dos amigos, dos conhecidos, necessitariam que lhes «déssemos vida» e como fazê-lo?

Sugestões para a «**regra de vida**»

Trabalharmos durante o mês numa dessas atitudes que «dão vida», evitar as que causam danos.

Compartilharemos na **Partilha** o que julgarmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

- Dentre os passos do «culto autêntico» - agarrar, abençoar, partir, entregar - qual nos parece mais importante e porquê?

- De que modo estamos abertos a «dar vida» a outras famílias?

4.- Oração em equipa

Mt 12,46-50

«Estava Ele ainda a falar à multidão, quando apareceram Sua mãe e Seus irmãos, que do lado de fora, procuravam falar-Lhe. Disse-Lhe alguém: «A Tua mãe e os Teus irmãos estão lá fora e querem falar-Te». Jesus respondeu ao que Lhe falara: «Quem é a Minha mãe e quem são os Meus irmãos»? E, indicando com a mão os discípulos, acrescentou: «Aí estão Minha mãe e Meus irmãos; pois todo aquele que fizer a vontade de Meu Pai que está nos céus, esse é Meu irmão, Minha irmã e Minha mãe.»

Capítulo IV Ser presença

«O homem é interpelado na sua liberdade pela chamada que Deus lhe faz para crescer, amadurecer, dar fruto... Neste diálogo entre Deus que chama e a pessoa interpelada na sua responsabilidade, situa-se a possibilidade, antes, a necessidade de uma formação integral e permanente dos fiéis leigos... num contínuo processo pastoral de maturação na fé e de configuração com Cristo, segundo a vontade do Pai, sob a guia do Espírito Santo»

(Christifidelis Laici 57)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) As atitudes de Maria

Diz o **Complemento à Carta «O que é uma Equipa de Nossa Senhora?»**: «As Equipas de Nossa Senhora colocam-se sob a protecção da Virgem Maria: os seus membros sublinham dessa forma a sua convicção de que não há melhor guia para ir para Deus do que Aquela «que ocupa o primeiro lugar entre os humildes e os pobres do Senhor que confiadamente esperam e recebem d'Ele a Salvação». Efectivamente, as Equipas receberam desde o princípio o apelativo «*de Nossa Senhora*» e a sua oração mais representativa é a oração do Magnificat. A escolha desta denominação não responde a uma mera invocação piedosa mas significa algo mais: que queremos como Movimento incorporar na nossa vida de leigos, de casal e de família as atitudes de Maria, primeira leiga da Igreja, mulher casada, mãe de família, e que como ela, queremos dar à luz Cristo nas nossas vidas e oferecê-lo ao mundo.

Tantas vezes se falou de Maria e com tantos acentos mais ou menos acertados..... Tantas vezes projectamos na sua imagem carências afectivas, necessidades insatisfeitas, tópicos inconscientes sobre o feminino, que, ao evoluir para uma maior maturidade, podemos chegar a sentir uma certa rejeição diante dessa imagem tão idealmente construída e tão pouco real. A alguns parece que as palavras «*de Nossa Senhora*» estão ligadas a uma certa concepção católica exageradamente mariana. Certamente que as Equipas de Nossa Senhora não são um Movimento mariano mas, no entanto, cremos que se as Equipas se mantêm desde há 50 anos, se deram algum fruto na Igreja e no mundo, muito o devem aos aspectos da espiritualidade de Maria que de um modo ou de outro impregnaram a vida de muitos casais, fazendo delas um Magnificat vivo. Por isso devemos sentir-nos orgulhosos do nosso nome e aprofundar o que Maria significa para nós e que ainda não descobrimos totalmente. O **Concílio Vaticano II**, contestando os desvios que a religiosidade

popular tinha introduzido no culto da Virgem, afirma rotundamente que «*na Santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós*». Nada está mais próximo da vida de um leigo do que a interpelação que está implícita na vida e nas atitudes de Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe.

Vamos, muito simplesmente, deter-nos um pouco em duas dessas atitudes de Maria que deveríamos incorporar nas nossas vidas: a presença e a coragem.

- **a presença:** Não há muitas palavras da Virgem nos Evangelhos, mas há, pelo contrário, muitos testemunhos da sua presença. Sempre esteve presente. Não se furtou aos acontecimentos. Presente para acolher o anúncio do anjo, presente para não se desviar do seu amor por José, presente para ajudar Isabel nos últimos meses da sua gravidez, presente na dolorosa fuga depois da notícia da morte dos filhos inocentes, presente num primeiro parto vivido em circunstâncias bem difíceis, presente enquanto Jesus crescia e se preparava para a sua missão, presente nas bodas de Caná, presente em muitos acontecimentos da vida pública do seu filho, presente no calvário e na cruz, presente na comunidade dos apóstolos. Este é um primeiro sinal para nós. Na vida podemos ficar à margem, deixar passar as coisas, escolher só as que nos interessam, fechar os olhos ao que nos pode doer ou, muito pelo contrário, podemos «estar aí», onde fazemos falta, onde nos chamam ou nos esperam, atentos aos filhos, à família, aos amigos, aos demais, atentos aos sinais dos tempos, mesmo quando não compreendemos bem todo o alcance do que se passa.

A presença de Maria deve ter tido também uma qualidade profunda. A sua presença mudava as coisas: o anjo teve de responder ante a sua firmeza, José esteve ao seu lado com fidelidade, o seu Filho aprendeu com ela as atitudes da compaixão, inclusivamente adiantando a hora da sua intervenção no mundo, os apóstolos viram-na acompanhando sempre a vida pública de Cristo, foram testemunhas da sua compreensão, dessa atitude de guardar as coisas no coração até que a partir daí manifestassem o seu sentido. Ao pé da cruz, manteve-se firme e o seu sofrimento, unido ao do seu Filho, alcançou para nós a redenção do mundo inteiro. Finalmente, a fundação da Igreja por meio do Espírito realizou-se enquanto os apóstolos estavam reunidos em torno dela em oração... Uma vida realmente cheia.

E nós? Perguntamo-nos alguma vez qual é a qualidade da nossa presença? Uma pessoa é presença para os outros pela intensidade da sua escuta, da sua atenção, da sua compreensão, da sua resposta. E é-o não só pelas suas palavras mas também pelo seu olhar que não julga, pelos seus gestos que acolhem, pelo seu silêncio que compreende, pela sua entrega que dá vida. Tanto maior presença quanto maior é o vazio que se produz na sua ausência. Todos reconhecemos uma pessoa, um casal, que sabe ser presença. Diante dessa pessoa, diante desse casal, sentimo-nos valorizados. Sentimo-nos acolhidos em sua casa. Comprovamos que deixa o que está a fazer para nos atender, notamos que existe por nós um interesse genuíno, sentimos que nos responde com autenticidade e não com lugares comuns.

A presença facilita o encontro. O nosso mundo tão dividido necessita de pessoas que saibam ser presença e saibam encontrar-se com os demais. Entre essas pessoas especialmente marcadas para ser presença e sinal do amor de Deus para todos sem exclusão estão os sacerdotes, os religiosos e as religiosas. Pedimos aos casais das Equipas a graça de ter um filho ou uma filha consagrados a Deus? Facilitamos as condições para que possa surgir essa vocação na nossa família e formamos os nossos filhos e filhas para que sejam capazes de dar uma resposta generosa a essa chamada?

- **a coragem.** Necessitamos de coragem para viver e para propiciar a vinda do Reino de Deus. Sempre houve tragédias. Mas o final deste século XX é particularmente dolorosa. E cada vida individual, cada vida de casal e de família, se enfrenta a circunstâncias de sofrimento. *«A pergunta mais importante que podemos fazer sobre o sofrimento não é «porquê?» mas «para que serve?», «para onde nos leva?». A dor nunca nos deixa onde nos encontra»* (Peter Daino s.m). A dor muda-nos sempre. Se sucumbimos à tristeza, se capitulamos ante a esperança, se nos resignamos numa atitude fatalista, convertemo-nos em testemunhas mudas da amargura. *«Mas se nos deixamos guiar como Maria através da dor, se o Espírito nos ajuda a exprimir a nossa dor, a unir a nossa dor ao mistério da dor de Deus, poderemos assumir a atitude da coragem e mostrar aos que são tentados pela resignação como sentir, como gritar, como trabalhar pela mudança. Com os olhos cheios de lágrimas, levantemos as mão num gesto de insubmissão e apoiêmo-las com todas as nossas forças na alavanca da história»* (Peter Daino, s.m.).

Ter coragem começa por ser reconhecer e assumir a dor e ter a valentia de a expressar. Ter coragem não é ser agressivo nem vingativo, mas é antes não se calar ante as situações de injustiça, não ter medo de dizer a verdade, opor resistência ao mal. O silêncio faz-nos cúmplices e conduz-nos ao desespero. Vejam como as palavras do Magnificat são palavras de uma mulher que tinha muita coragem, porque se atrevia a proclamar bem alto que Deus toma partido: *«derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes», «aos famintos encheu de bens e aos ricos despediu de mãos vazias»*; uma mulher que, com uma confiança total, lembrava a Deus as suas promessas de misericórdia.

b) Dar à luz Cristo

A maior acção de Maria foi a de acolher de tal maneira a Palavra de Deus que esta Palavra chegou a encarnar-se nela. Maria não comunicou a mensagem de Cristo anunciando-a com palavras. Ela fez algo mais do que isso: concebeu e gerou a pessoa de Cristo, para o «dar à luz» ao mundo.

Estamos todos de acordo em que a expressão «dar à luz» não se refere só a um acto biológico, é também símbolo de algo mais profundo, espiritual. Dá-se à luz

uma ideia, um projecto, dá-se à luz uma nova maneira de ser, uma transformação de si mesmo... Nesse sentido, podemos também nós «dar à luz» Cristo na nossa vida. Se Maria é o nosso exemplo como cristãos, toda a nossa vida é uma preparação, um laborioso parto para libertar Cristo, para que viva em nós e nos faça viver do seu Espírito, para que a nossa presença faça transparecer as expressões de Outra Presença, a de Jesus.

Sabemos que os sacramentos, a oração e a escuta da Palavra actuam em nós para nos infundir esse Espírito de Cristo. Mas também o faz a pertença a uma comunidade de fé dentro da Igreja e a partilha com outros do que ali descobrimos.

Mais do que anunciar aos homens a vinda exterior de Deus, temos de os ajudar a libertar essa presença de Deus que todos os homens trazem na suas entranhas. Que a nossa atitude para com eles leve os outros a descobrir, a sentir, a reconhecer esse Deus que habita, que se move, que actua no seu interior.

Que a nossa presença provoque perguntas: porque continua unido este casal? Porque perdoam a esse membro da sua família ou esse companheiro de trabalho que o prejudicou? Porque não têm o hábito de criticar os outros? Porque têm a sua casa sempre aberta aos outros? Porque vivem com essa simplicidade? Porque acolhem essa pessoa mais velha da sua família? Porque se comprometem em vez de descansar? E, sobretudo, porque continuam a ser felizes? Se, pelos menos, algumas das nossas atitudes fossem uma interrogação para os demais... seria muito mais fácil, depois, anunciar a mensagem de Deus com as nossas palavras. Além disso, não se trata tanto de comunicar uma mensagem doutrinal, como de partilhar a experiência de nos sentirmos amados e acompanhados por Deus na nossa vida, que é uma experiência que já todos tivemos alguma vez.

Mas, cuidado! A experiência é importante e nada a substitui, mas não é a nossa única arma. As pessoas formam um todo: cabeça e coração, ideias e sentimentos, memória e entendimento, impulsos e vontade. Deus quer que evangelizemos com tudo isso. Para anunciarmos Cristo aos outros temos que experimentar o amor de Deus na nossa vida, mas também temos que reflectir com a nossa inteligência sobre essa presença de Deus sobre as verdades de fé que nos levaram a descobri-la e, sobretudo, temos de encontrar a linguagem adequada para a comunicar. O Padre Caffarel dizia, numa frase que sempre nos impressionou, «*O Espírito Santo não é cúmplice dos poderosos*». É preguiça contentarmo-nos com o deslumbramento da experiência ou deixarmo-nos levar só pelos impulsos do coração e não nos formarmos na fé com cada vez maior profundidade e maior rigor.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a regra de vida

Perguntas para o «**dever de se sentar**»:

- Tenho sido para ti «presença», nestes últimos tempos?
- Que cremos que a nossa «presença» dá aos outros?

Sugestões para a «**regra de vida**»

-Depois de ter descoberto as atitudes que nos fazem sentir mais a «presença» do outro, procuremos adoptar algumas dessas atitudes na nossa maneira de nos relacionarmos com os outros.

Compartilharemos, na **Partilha**, o que julgarmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

- Que significa concretamente para cada um de nós ser presença e viver a vida com coragem?
- Que tipo de acções e de pedagogia nos ajudam a amadurecer na fé?

4.- Oração em equipa

Mt 11,25

«Naquela ocasião, Jesus tomou a palavra e disse: «Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos entendidos e a revelastes aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque isso foi do Teu agrado.»

Capítulo V

Ser leigos

«Os fiéis leigos vivem no século, isto é, empenhados em toda e qualquer ocupação e actividade terrena e nas condições ordinárias da vida familiar e social...

São chamados por Deus para que (...) concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento...

...é na sua situação intra-mundana que Deus (...) lhes comunica a especial vocação de procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus.»

(Christifidelis Laici, 15)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) O trabalho profissional

É talvez a nossa primeira actividade quanto ao número de horas que lhe dedicamos e à sua importância para a subsistência da nossa família e o futuro dos nossos filhos. Pode ser uma das nossas maiores satisfações ou também a preocupação mais angustiante. No trabalho profissional vertemos muitos esforços, muitas esperanças, muita criatividade e realização pessoal, mas também muitos fracassos, muitas frustrações e muito cansaço.

Recordamos o que nos diz a **Carta Fundadora** sobre o trabalho: os casais das Equipas «querem ser competentes na sua profissão» e «querem fazer de todas as suas actividades uma colaboração com a obra de Deus e um serviço prestado aos homens». São propostas de grande valor para nós, ainda que nem sempre, infelizmente, o trabalho profissional responda a uma vocação clara e livremente assumida. Quantas pessoas têm que trabalhar em profissões de que não gostam, que os não satisfazem, que não teriam escolhido, mas que tiveram de aceitar pelas circunstâncias da vida, por razões económicas... Quantas trabalham hoje com uma perspectiva de insegurança por causa dos reajustes económicos, das falências de empresas, da reconversão industrial, da crise económica, e se vêm confrontados com a terrível realidade do desemprego que tantas depressões e conflitos conjugais e familiares produz... Em quantas situações concretas o trabalho profissional da mulher não foi fruto de uma escolha mas antes uma exigência da necessidade de ter dois ordenados...

Não vamos concentrar-nos nestes problemas, que estão relacionados com a política e com o sistema económico de cada país, porque são questões que superam o alcance desta simples reflexão. No entanto, mesmo correndo o risco de que nos

rotulem de idealistas ou de demagogos, mesmo sabendo que estes temas podem ser muito incómodos, atrevemo-nos a fazer um pequeno discernimento evangélico sobre o trabalho profissional, porque nele se joga um dos pontos mais importantes do nosso testemunho cristão e, portanto, da nossa missão. São comentários que vos pedimos que tomeis pelo que são: generalizações que depois cada um deve traduzir em situações muito concretas e muito complexas segundo a sua consciência e as suas circunstâncias.

Em relação ao trabalho profissional, que atitudes poderíamos cultivar? As responsabilidades são diferentes, dependendo do tipo de trabalho: se somos empresários, por exemplo, poderíamos tentar planificar com a máxima eficácia, reduzir os nossos lucros pessoais, reinvestir em tecnologia para melhorar o rendimento, não aproveitarmos a situação para abafar os jovens com contratos injustos, não reduzir o pessoal se não quando for estritamente necessário, não discriminar por razões ideológicas ou de raça, não sucumbir ao hábito generalizado de «dar comissões» ou de dar presentes aos «poderosos» para conseguir contratos...

Se somos assalariados, poderíamos trabalhar mais eficazmente e não perder tempo, cumprir os horários, não reivindicar tantas «pontes», compreender que a situação é difícil para todos, não querer fazer mais horas do que as que nos pertencem para que os outros possam também ter trabalho, não prolongar as situações de desemprego se nos surge um trabalho, e não cobrar subsídios de desemprego se trabalhamos...

Quanto ao funcionalismo público, ao ensino, às profissões liberais, há também tantas atitudes a rever... Estudar, preparar-se bem e reciclar-se, tratar as pessoas como pessoas e não abusar dos nossos postos, não cobrar honorários exagerados, não usar as horas de trabalho para fazer recados pessoais e tomar cafés, não utilizar os meios públicos para uso privado... É também muito importante tudo o que significa camaradagem e colaboração: não se deixar levar pela inveja nem pela ambição desmedida, saber ceder nos horários e partilhar tarefas comuns, apoiar projectos criativos, partilhar locais de trabalho... Não é camaradagem esse corporativismo em que nos encerramos para defender privilégios e não assumir os erros.

Quanto à influência do trabalho profissional na vida de família, também podemos rever algumas atitudes: temos que pôr em questão o facto de o trabalho ter prioridade absoluta sobre tudo o mais e que domine a nossa vida e as nossas relações de família. O tempo passa muito depressa e quando nos damos conta já esse é um tempo perdido para sempre.

Outro ponto a pôr em causa é a justa necessidade de partilhar em casal o trabalho da casa - mais ainda se ela também trabalha fora - para que a mulher não acumule tensão, esgotamento e sentimentos de culpabilização.

O máximo da realização pessoal, a ambição desmedida no trabalho profissional, está frequentemente em contradição com o equilíbrio do casal e da família. Diante de

cada nova situação que surja: promoções, congressos, mudanças de residência, seminários, horários, etc, sempre será necessário fazer um discernimento e saber renunciar, tanto o homem como a mulher - e não apenas sempre a mulher - ao que se deva renunciar para o bem de todos.

b) Mudar o mundo

O **Concílio Vaticano II** considera a condição do leigo não como um dado exterior, visto que *Deus o colocou no mundo e é aí que deve viver a sua missão*, mas como algo mais, como *uma realidade destinada a obter em Jesus Cristo a plenitude do seu significado*. Isto é, a pessoa e a vida de Cristo ajudam o leigo a compreender melhor a sua missão.

Jesus, o Filho de Deus, ao encarnar, quis participar da convivência humana: viveu numa família, não ficou à margem das relações sociais, certamente nem mesmo ficou à margem do trabalho quotidiano e submeteu-se voluntariamente às leis da sua pátria na medida em que não fossem contra a vontade de Deus. É verdade que dizia que o seu Reino não era deste mundo, afirmando assim que a vinda do Reino não se baseava numa revolução política. Mas isso não queria dizer que se desinteressasse da situação real em que viviam aqueles homens e mulheres, que os remetesse para uma vida futura. As suas palavras estavam estreitamente vinculadas à realidade, as suas acções encaminhadas para solucionar o mal concreto que afligia as pessoas. Os valores que anunciavam a chegada do Reino - compaixão, justiça, verdade, amor - chocavam frontalmente com os valores imperantes da dureza, injustiça, hipocrisia, inveja.

Não era uma revolução política, mas essa revolução das atitudes interiores originava uma mudança na maneira de viver, de se relacionar, de ordenar o mundo.

A vida de cada um de nós parece-nos pouca coisa em relação aos problemas do mundo. É fácil sucumbir à impotência e ficarmos à margem do curso dos acontecimentos históricos. Basta-nos a nossa família, os nossos amigos, o nosso trabalho. É fácil, é cómodo e até nos mantém numa situação «mais pura», «menos contaminada». Porque, de facto, quando tomamos partido e nos envolvemos, a partir de dentro, na complexa realidade do mundo, para tentar imbui-lo dos valores evangélicos, metemo-nos em cheio no terreno da ambiguidade. Em acções de tipo social e comunitário, em trabalhos de voluntariado e sobretudo no compromisso político, as decisões, as opções a tomar não são, com frequência, brancas ou negras, mas muitas vezes são apenas cinzentas. É preciso discernir, ponderar, reflectir e depois dar o passo, sabendo que haverá sempre uma pequena margem de erro, a incerteza de ter podido involuntariamente causado dor a alguém, a incomodidade de quem abandona algo de si mesmo para poder aproximar-se de outros...

Para nós, cristãos, isso é mais difícil do que para os outros, porque, por exemplo, não podemos enquadrar-nos na monolítica união dos que aceitam a disciplina de um partido. Nós sabemos que nenhum partido político se pode apropriar da designação de cristão, nenhuma organização encarna perfeitamente as atitudes do evangelho, nenhuma acção social ou mesmo eclesial está totalmente livre de tensões e de contradições. Sabemos que, para nós, o trabalho no campo da política será sempre a dobrar ou a triplicar: tentar compreender e acolher o que não pensa da mesma forma, encontramos-nos com os demais acima de qualquer ideologia, estar dispostos a que nos critiquem, discernir em cada acção ou decisão a linha que mais concorda com a nossa consciência e com o Evangelho, ser coerentes com ela na nossa vida... O apelo cristão à participação na política é um apelo à entrega e à solidariedade e não podemos julgar e mesmo desclassificar apressadamente aqueles que têm a generosidade de o seguir. Muitas vezes, é um sacrifício que fazem pelo bem de todos e que os obriga a mover-se num difícil equilíbrio: «prudentes como as serpentes e simples como as pombas.

Se somos dos que não estão comprometidos directamente na acção política, ou seja, da maioria, há, no entanto, duas coisas relacionadas com ela que nos atingem a todos. A primeira é a participação na eleição dos governantes. Sobre isto cremos que estamos de acordo em que o devemos fazer em liberdade e em responsabilidade. A segunda, mais polémica, é a pagamento dos impostos. A política fiscal significa avançar numa concepção de Estado mais solidária e com infraestruturas mais justas. Podemos comprovar isto se compararmos as enormes diferenças que existem entre os países da Europa, por exemplo, e outros países que ainda não desenvolveram essa política fiscal. No entanto, é verdade que é difícil não se rebelar num momento como o que estamos vivendo, de corrupção generalizada, de desperdício, de mau uso dos fundos públicos, etc. Muitas vezes, preferiríamos não dar esse dinheiro ao Estado e dá-lo mais directamente a entidades que conhecemos. De qualquer maneira, é preciso reflectir sobre isso: o facto de que alguns ou muitos políticos tenham uma atitude que não é correcta não pode fazer-nos claudicar em certos avanços solidários que são humanos, antes ainda de serem cristãos.

Mudar o mundo não é apenas assunto de políticos e governantes. É um assunto que nos diz respeito a todos. Há muitas organizações da Igreja, que todos conhecemos, e muitas organizações não governamentais que necessitam de nós, do nosso tempo, do nosso trabalho, dos nossos conhecimentos, da nossa entrega. Estas organizações levam a cabo projectos valiosíssimos em áreas muito diversas e muito necessitadas do terceiro e quarto mundo. Em muitos casos, estes projectos realizam-se com a informação e colaboração directa dos missionários, conhecedores das necessidades concretas, e potenciando, com grande respeito, a dignidade e os recursos daqueles a quem ajudam. Este trabalho de voluntariado é uma linha de

vanguarda de solidariedade que colabora de modo simples mas eficaz na mudança da imagem do mundo.

Mas ainda há mais: mudar o mundo começa por mudar as relação que temos com os mais próximos: a pessoa que nos ajuda em casa, o vizinho, o da loja da esquina, o companheiro de trabalho, a pessoa que encontramos na fila de um «guichet», na rua... Podemos viver todas essas relações com justiça, com verdade, com generosidade. Em cada novo ano que começa, deveríamos pensar se o vamos dedicar prioritariamente a fazer «coisas», a resolver assuntos, a assegurar o nosso pequeno bem-estar, a acumular egoísmo, nervosismo e tensão, ou a aprender a ser mais humanos, a querer aos outros com mais ternura e dedicação e a fazer silêncio para nos deixarmos interpelar pela Palavra de Deus. Mudar o mundo começa por nos mudarmos a nós mesmos.

Como diz de forma muito bela Cristóbal Sarrias s.j., sentir-se casual escolhido por Deus é *«sentir-se objecto da escolha de Deus para O tornar presente na tarefa eficaz e misteriosa da transformação do mundo, todos os dias, na paz e na perturbação, na plenitude ou na miséria, na mágoa ou na esperança»*.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e «a regra de vida»

Perguntas para o «**dever de se sentar**»

- Que é o que mais me agrada na tua atitude perante o trabalho profissional?
- Sentes-te apoiado(a) por mim no teu trabalho, nas tuas actividades sociais ou políticas?

Sugestões para a «**a regra de vida**»

Cada um de nós vai procurar uma regra de vida que sirva para apoiar o outro no seu trabalho.

Compartilharemos na **Partilha** o que acharmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

- Qual é a atitude que mais admiramos em qualquer trabalho profissional?
- Qual é a característica do mundo e da sociedade actual que mais nos preocupa e que poderíamos nós fazer para colaborar no seu desaparecimento?

4.- Oração em equipa

Mt 11, 2-6

«Ora, João, no cárcere, ouvira falar das obras de Cristo. Enviou-Lhe os seus discípulos com esta pergunta: «És Tu aquele que há-de vir ou devemos esperar outro»? Jesus respondeu-lhes: «Ide contar a João o que vedes e ouvis: Os cegos vêem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres. E bem-aventurado aquele que não encontra em Mim ocasião de escândalo!»

Capítulo VI Ser comunhão

«Igreja significa comunhão dos santos. E comunhão dos santos quer dizer uma dupla participação vital: a incorporação dos cristãos na vida de Cristo e a circulação dessa mesma caridade em todo o tecido dos fiéis, neste mundo e no outro. União a Cristo e em Cristo; e união entre os cristãos, na Igreja.»

(*Christifidelis laici*, 19)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) A chamada a um amor maior

Um carisma é um dom do Espírito que esse mesmo Espírito, impulsionado pelo seu Amor pelos homens, comunica à Igreja através de pessoas concretas, para que possa responder às necessidades dos homens de cada época histórica. A nossa pertença a um Movimento dentro da Igreja e não a outro, responde a uma certa afinidade espiritual com o carisma profundo desse Movimento, neste caso, o carisma das Equipas de Nossa Senhora. Apesar das inevitáveis falhas inerentes a qualquer organização humana, temos encontrado nas Equipas resposta a muitas das nossas necessidades e aspirações profundas.

Porém, os carismas não são para o aperfeiçoamento de um grupo reduzido de pessoas. Se o grupo fundador originário não nos comunicasse esse carisma, depressa desapareceria. Quando se abrem e convocam outros, quando amadurecem e dão fruto, quando se inserem de modo complementar e fraternal no tecido da Igreja, crescem e afirmam-se, continuam no tempo como herança preciosa e viva para todos os cristãos.

Diz a **Carta Fundadora** que «as Equipas não servem de refúgio para adultos bem intencionados mas, pelo contrário, são grupos de combate compostos por voluntários». É preciso compreender o sentido profundo que se esconde por trás das palavras marcadas pela linguagem de uma época. E esse sentido profundo continua a interpelar-nos. Que se teria passado se aqueles primeiros casais unidos ao seu conselheiro espiritual, o Padre Caffarel, tivessem apenas consumido em proveito próprio o dom recebido? Que se teria passado se muitos outros casais não tivessem feito o esforço de partilhar o que viviam, não tivessem saído das suas casas para pilotar, ligar, aceitar responsabilidades de sector, de região, de supra-região... etc?

Todos temos escutado, ainda que nem sempre lhe tenhamos respondido, a chamada para difundir as Equipas ou a espiritualidade conjugal e, mais concretamente, a chamada à colaboração activa para o bom funcionamento e a

animação dos casais das Equipas. São chamadas à responsabilidade, a compreender que não podemos reduzir-nos a simples espectadores, que nada pode funcionar se não trabalharmos activa e solidariamente.

Mas nestas chamadas à responsabilidade há algo mais profundo do que a simples justiça retributiva. Quando se chama alguém, pronuncia-se o seu nome e dirige-se o olhar para ele. Do mesmo modo, estas chamadas que Deus nos faz através do Movimento são, antes de mais, um olhar de amor de Deus sobre nós, sobre o nosso casal, apesar das nossas limitações e dos nossos pecados, e são seguidas por uma pergunta pessoal que Ele nos faz, a cada um, pelo nosso nome. Não é uma pergunta que nos chama a obedecer, mas antes uma pergunta que nos chama «a amar mais».

O Senhor perguntou-o três vezes a Pedro: «*Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que estes?*». Só depois da resposta afirmativa de Pedro: «*Senhor, Tu sabes tudo, Tu bem sabes que Te amo*», Jesus lhe disse: «*Apascenta as Minhas ovelhas*». Esta pergunta sobre o amor é a única condição que o Senhor nos coloca antes de nos confiar uma responsabilidade.

Para responder que estamos dispostos a «amar mais» é preciso primeiro que façamos esta experiência do amor de Deus sobre nós, que sintamos o seu olhar repousando com carinho sobre o casal que somos, que escutemos o nome de cada um de nós pronunciado com ternura pelo Senhor. Ter tido esta experiência muda a qualidade da nossa aceitação.

E como a teremos? Não temos qualquer dúvida acerca da vontade do Senhor para nos fazer sentir que nos ama, mas nós, muitas vezes, não criamos as condições necessárias, os momentos de silêncio juntos diante de Deus, a leitura da Sua Palavra, o discernimento dos acontecimentos da nossa vida diante do Seu olhar, o tomarmos consciência da sua chamada e lançarmo-nos a responder-lhe... Quantas vezes vivemos um fracasso doloroso ou uma prova difícil imediatamente antes de decidirmos aceitar uma responsabilidade que nos foi proposta e que nos assusta... Mas tudo pode ter um sentido. Muitas vezes, é em situações de «pobreza e desamparo» que cada um recupera a sua condição de criatura diante de Deus e Lhe pede que o acolha no seu regaço de Mãe e o console como a uma criança. Assim experimentamos a alegria do Seu amor imerecido e nos comprometemos com a confiança de saber que o fruto de todo o serviço vem d'Ele.

Os serviços que assumimos no Movimento e na Igreja estão marcados pela nossa condição de casal unido pelo sacramento do matrimónio.

Como casal, temos a vocação de ser fecundos. Seremos fecundos também no nosso serviço se aceitarmos os outros, se os acolhemos, se compreendemos, se valorizamos, se procuramos a verdade, se damos a vida. Isso é animar: olhar com amor e descobrir, nomear e valorizar, confirmar e trazer à luz o melhor que se esconde em cada pessoa, em cada casal. Animar é também detectar as necessidades espirituais profundas dos outros para lhes dar resposta.

Como família, temos a vocação de fomentar a unidade. E esta mesma vocação deve orientar o nosso serviço. Ninguém tem o monopólio do Espírito, nem a verdade completa. Necessitamos dos outros e os outros necessitam de nós, pois é entre todos que construímos o edifício espiritual do nosso Movimento. É um facto reconhecido que o mais difícil nesta vida são as relações humanas harmoniosas, pois todos estamos «feridos» de um modo ou de outro. Malentendidos, complexos, pequenas invejas, ciúmes, erros, conflitos, susceptibilidades, etc, são quase inevitáveis em toda a realidade humana. Assim, pois, em todo o serviço de responsabilidade exercido no seio de um grupo, temos de renovar uma e outra vez o nosso clima de amor e de amizade, aprendendo a compreender, a pedir perdão e a perdoar, a ser flexíveis e a ser respeitadores, a estar um pouco menos obcecados com o nosso «eu» para podermos criar um «nós» mais fraternal.

Por isso é importante saber que a chamada a um amor maior está acompanhada também de uma chamada a «morrer um pouco» pelos outros, em tantas circunstâncias em que cada um perde pouco a pouco o seu tempo, a sua saúde, o seu protagonismo, a sua vida. Circunstâncias que nos colocam em situação de podermos dar-nos a nós mesmos e descobrirmos a alegria profunda que acompanha toda a doação.

b) Membros da Igreja

Estamos chamados «a dar vida» e a «fomentar a unidade» não só no nosso Movimento mas também na vida da Igreja. O nosso estilo de relação com Ela deve ser o que apreendemos nas Equipas: escuta, abertura, tolerância, valorização, diálogo, espírito de síntese... Fomentar a unidade é duro porque, infelizmente, cada vez mais as tendências ideológicas rotulam e separam as pessoas. Sabemos, por experiência própria, como isso é difícil, por vezes. Porque quando encontramos casais e conselheiros espirituais das Equipas, mesmo sem os conhecer, estabelece-se rapidamente uma corrente de amizade, de proximidade, de acolhimento mútuo. Falamos a mesma linguagem que provém das nossas origens e formação comuns, compartilhamos uma pedagogia e uns métodos. No seio do Movimento, comprovamos com satisfação que o nosso trabalho de leigos é eficaz e está bem organizado, que os objectivos são participados colegialmente. Mas nem sempre é fácil assumir responsabilidades na Igreja diocesana ou supradiocesana, sobretudo quando se propõem «coordenações» de uma pastoral de conjunto que se diluem em objectivos muito vagos ou nos convocam para actos, reuniões ou acções que não nos parecem muito adequadas aos momentos históricos que vivemos. É algo mais fácil de fazer na paróquia, sobretudo se os párocos compreenderam bem o carisma do Movimento e o respeitam. Em todo o caso, devemos colaborar na medida do possível e por em jogo

todo o nosso coração e a nossa capacidade de comunhão porque somos um Movimento na Igreja e não existimos fora dela, nem à margem dela.

No entanto, é preciso recordar que a nossa colaboração se realiza em nome próprio, como casais que não ocultam que pertencem às Equipas de Nossa Senhora mas que não fazem disso uma bandeira nem envolvem todo o Movimento nos seus compromissos. O Movimento não toma partido como tal em declarações ou em acções de tipo comunitário, tomam-no os seus membros, que se sentem e são membros da Igreja. Este é o nosso estilo, avalizado por 50 anos de existência.

No **Complemento à Carta «O que é uma Equipa de Nossa Senhora?»** especifica-se que uma Equipa é uma pequena comunidade que «quer estar, simultaneamente, ligada ao Pai, em comunhão estreita com a Igreja e totalmente aberta ao mundo».

Ser membros da Igreja, estar em comunhão estreita com ela significa muito. É muito mais do que emprestar-lhe as nossas forças, o nosso trabalho. É sentirmo-nos totalmente implicados n'Ela, como membros que somos do seu Corpo, de tal maneira que nos doam as suas dores e as suas faltas e nos alegrem as suas alegrias, que participemos nas suas orientações e compartilhemos as suas preocupações e objectivos. Se algo não nos agrada ou não nos parece bem, não nos contentemos em criticar de fora mas demos sempre uma colaboração leal que se atreve a dizer, com carinho e sinceridade, o que pensa e se atreve a estabelecer pontes de comunhão e diálogo.

Há um aspecto muito importante em que nós, que vivemos em casal e em família, devemos pôr um grande interesse e esforço em transmitir à Igreja-Instituição: recordar-lhe sem cessar que é preciso pôr o acento no que é verdadeiramente essencial, que é o amor. Uma palavra tão usada em sermões, conferências e documentos da Igreja mas que é tão difícil reconhecer na prática concreta das atitudes de cada dia. O amor vive-se, às vezes, como gesto heróico e pontual, mas, na maior parte do tempo, consiste num estilo novo e libertador de nos relacionarmos com os outros, à maneira de Cristo, que acolhia, que valorizava, que potenciava, que dizia a verdade. Na família, temos uma experiência directa e privilegiada de como se pode crescer no amor: criando sempre relações de encontro e de diálogo, em que o perdão e a reconciliação não são excepcionais nem unilaterais mas antes frequentes. Sem medo da pergunta e da confrontação. Nós sabemos, pela nossa experiência de família, que não se pode «dar vida» a uma pessoa na segura afectiva, na crítica contínua, na exigência que paralisa, que assim se «despedaçam» as personalidades, se desanimam «os fracos», se afastam «os que procuram». Sabemos que só a partir da experiência de se sentirem aceites e reconhecidos globalmente como pessoas, se pode fazer com outros um caminho de acompanhamento, de trabalho educativo, de formação. Por isso é tão importante fugir desses juízos globais tão negativos sobre o

mundo, as situações, as generalizações que tantas vezes ouvimos em ambientes de Igreja e que tanto desmoralizam, por muito justos que sejam.

Como casais, temos um grande contributo a dar à Igreja no campo do nosso amor conjugal e sobretudo da nossa sexualidade: trata-se *de compreender e viver a dimensão sexual da espiritualidade conjugal*, como diz o **Segundo Fôlego**, e de lavar a cabo uma reflexão profunda e sincera, feita à luz da fé, sobre essa realidade que vivemos. Urge que a Igreja encontre outra linguagem e outra pedagogia para abordar este tema com credibilidade.

Sentirmo-nos membros da Igreja significa também, para nós, Equipas de Nossa Senhora, apoiarmos e valorizarmos sempre a entrega e a presença de sacerdotes e religiosos e não lhes exigir que sejam super-homens, relacionarmo-nos com outros Movimentos e grupos para nos compreendermos e nos conhecermos e para trabalharmos juntos no campo da Pastoral Familiar, fomentarmos o diálogo com os nossos pastores: párocos, bispos, etc, respondermos às suas chamadas e escutarmos o que nos têm que dizer - perguntas, comentários ou mesmo críticas. Essas críticas não provêm sempre de possíveis invejas ou perseguições, também podem provir de um desconhecimento de coisas que podemos explicar ou ser interpelações sobre falhas reais que podemos mudar sem deixar de ser fiéis à nossa identidade.

Se estamos abertos a todas as dimensões da Igreja universal, incluída a sua dimensão de ecumenismo, se actuamos dentro da Igreja, no próprio coração das suas contradições, estamos a trabalhar para que Ela seja o que deve ser: um Povo que caminha unido, em que todos juntos nos deixamos dirigir pelo Espírito de Cristo.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a «regra de vida».

Perguntas para o **«dever de se sentar»**:

- Recordemos (cada um) um momento da nossa vida em que o outro nos olhou com amor: Que sentimos? Recordemos se fizemos a experiência do olhar do amor de Deus sobre nós.

- Porque aceitámos ou não aceitámos, no momento próprio, a chamada à responsabilidade? Façamos um exame de consciência sobre essa chamada do Movimento ou da Igreja.

Sugestões para a **«regra de vida»**

Escolher uma das atitudes da animação: olhar com amor e descobrir, nomear e valorizar, confirmar e chamar à luz o melhor que cada um esconde em si, para a pôr em prática no grupo em que estamos a trabalhar.

Compartilharemos na **Partilha** o que achamos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para compartilhar na reunião de equipa

- Qual é para nós a atitude mais importante para criar comunhão na equipa e porquê?
- Que fazemos ou que poderíamos fazer para que na nossa paróquia houvesse um ambiente de maior comunhão?

4.- Oração em equipa

Mt 12, 15-21

«Tendo-o sabido, Jesus afastou-Se dali. Muitos seguiram-n'O e Ele a todos curou, recomendando-lhes que o não dessem a conhecer. Assim, cumprir-se-ia o que fora anunciado pelo profeta Isaías: Aqui está o Meu servo, que escolhi, o Meu amado, em que pus todo o Meu enlevo. Derramarei sobre Ele o Meu espírito, e Ele anunciará a verdadeira fé às nações. Não disputará nem bradará, e ninguém ouvirá nas praças a Sua voz. Não quebrará a cana fendida, nem apagará a mecha que fumeja, até conduzir à vitória a justiça. E no Seu nome hão-de esperar as nações!»

Capítulo VII

Ser discípulos

«A dignidade do fiel leigo revela-se em plenitude quando se considera a primeira e fundamental vocação que o Pai, em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo, dirige a cada um deles: a vocação à santidade, isto é, à perfeição da caridade.»
(*Christifidelis Laici* 16).

1.- Textos para leitura e reflexão

a) O caminho das bem-aventuranças

O que transcrevemos em seguida é o que recordamos de uma homília do Padre Olivier o.p., anterior conselheiro espiritual da ERI, sobre as Bem-aventuranças, escutada numa reunião no Brasil, que nos impressionou muito:

«Imaginaí Cristo proclamando o Sermão das Bem-aventuranças do alto do monte. Muitos não o conhecem ainda e há uma grande curiosidade por ouvir o que este novo profeta vai dizer neste seu primeiro discurso político. Ao seu redor e até bem longe, descendo pela colina, apinham-se as pessoas que o seguiram e que tentam captar as suas palavras. Jesus vai falando e desfiando a mensagem misericordiosa das Bem-aventuranças. Nem todos conseguem ouvi-Lo porque alguns estão muito afastados de onde Ele está e esticam-se, apuram o ouvido, para acabar por perguntar aos que estão diante de si: «O que diz ele? O que diz?». Estes perguntam por sua vez aos que estão mais perto e uns respondem aos outros: «não ouvimos muito bem mas há algo que se repete uma e outra vez: «bem-aventurados, bem-aventurados, bem-aventurados»... E essa palavra, «bem-aventurados», «ditosos», é sussurrada, como um eco, de boca em boca, entre a multidão.

Podeis imaginar o que significa que Cristo centre a sua mensagem nessa palavra, «bem-aventurados»? Muitos dos que ali estavam tinham sido discípulos de João Batista e estavam acostumados a outra maneira de falar: «arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus», «raça de víboras», «já o machado está posto à raiz das árvores»... Quase todos estavam oprimidos pelos áridos e intermináveis decretos da Lei, mediante os quais, sacerdotes, fariseus e letrados, esmagavam a gente com cargas insuportáveis. É verdadeiramente uma «boa notícia» que este novo profeta - para alguns:, o Mestre; para os seus discípulos: o Messias, o Filho de Deus - centre o seu primeiro discurso programático nessa palavra, «ditosos». Segundo Ele, esse é o núcleo da mensagem de Deus aos homens «ditosos, porque sois queridos», «ditosos, os mais débeis, mais pequenos, mais pobres», «ditosos, porque conheço os vossos sofrimentos», «ditosos, porque darei remédio».

De nós, cristãos, espera-se que sigamos Cristo, que o imitemos. Os membros das Equipas, diz-nos a **Carta Fundadora**, «ambicionam levar até ao fim os compromissos do seu baptismo» e «querem viver com Cristo, por Cristo e para Cristo». Se vivemos com Cristo, as bem-aventuranças têm de ser para nós o centro profundo do nosso programa de vida. Um centro que se irradia em duas direcções: podemos ser os sujeitos sobre os quais recai essa denominação de «ditosos» e também os que fazem que os outros descubram por seu turno que são «ditosos».

Uma primeira leitura das bem-aventuranças seria, pois, a de ver se nós somos em alguma coisa protagonistas da primeira parte do seu enunciado. Nós somos ou podemos ser realmente, no seu sentido mais literal, «os pobres», «os que sofrem», «os que choram». Outras vezes, somo-lo num sentido mais profundo, espiritual... sentimo-nos pobres, desamparados, sofremos, temos sede de justiça... Que alegria saber que essa mesma condição de carência, de pobreza, nos aproxima de Deus, que Ele nos qualifica como «ditosos», não apesar dela, mas justamente graças a ela... Podemos também ser, por uma escolha consciente: «os *pobres em espírito*», «os *mansos*», «os *misericordiosos*», «os *puros de coração*», «os *pacificadores*». Que alegria quando os cristãos, neste caso, os casais das Equipas, escolhem com a sua vida comprometer-se plenamente com alguns dos enunciados das bem-aventuranças... Essas resposta corajosas e coerentes de alguns casais são um ponto de referência e uma interpelação para todos.

Seguindo esta reflexão sobre as bem-aventuranças, parece-nos que se nos apresenta também uma outra possibilidade de compromisso. Cada uma das bem-aventuranças se completa com uma segunda parte, sem a qual o apelativo de «bem-aventurados» não se compreenderia, e que começa com a palavra «porque...»: «...*porque deles é o reino dos céus*», «...*porque serão consolados*», «...*porque possuirão a terra*», ...«*porque serão saciados*», «...*porque alcançarão misericórdia*», «...*porque verão a Deus*», «...*porque serão chamados filhos de Deus*». Os bem-aventurados não são bem-aventurados apenas por serem pobres, terem fome, chorarem, etc, mas porque é certo que essas carências se verão remediadas.

Cristo, no Evangelho, fala e actua. O que diz, faz. Os que sofrem, os que choram, os que têm fome de justiça, os que estão doentes, os que necessitam ajuda, todos encontram em Cristo, ao largo da sua vida pública, uma resposta real e verdadeira. Apresentam as categorias do reinado de Deus que já chegou e que é uma boa notícia para o homem.

Diz Lucas, no seu Evangelho, que Cristo, ao começar a proclamar as bem-aventuranças, *ergueu os olhos para os discípulos*. Olhou-os certamente porque lhes confiava essa mensagem em primeiro lugar, porque esse era o programa que lhes propunha.

Nós também somos seus discípulos. Ele espera que nós repitamos essas mesmas palavras, primeiro, para nós mesmos e que acharmos que se nos sentirmos

chamados a viver essa primeira parte das bem-aventuranças seremos «ditosos», ainda que isso pareça estar em contradição com o que o mundo pensa e proclama. Ele também espera que, pela nossa parte, as digamos aos outros: «ditosos», «ditosos»... Mas para que possamos fazer essa proclamação aos homens, «bem-aventurados», é preciso que tornemos realidade a segunda parte das bem-aventuranças, na medida das nossas possibilidades e apesar das nossas incoerências e das nossas falhas. Se não for assim, merecemos que nos digam que a religião adormece, que as categorias do Reino de Deus são uma utopia irrealizável.

Todos somos chamados a participar na tarefa de animar, de acompanhar, de cuidar e de aliviar os outros. Muitos homens e mulheres na história da Igreja tornaram críveis as bem-aventuranças com a sua vida. Não eram pessoas diferentes de nós, nem foi da noite para o dia que chegaram a fazer coisas excepcionais. Começaram por pequenas coisas, ganhando pouco a pouco sabedoria e confiança, até se encontrarem por fim profundamente comprometidas. É assim que se percorrem os caminhos, um passo atrás de outro passo. O mais importante é começar a andar.

b) Unidos à cruz de Cristo

O texto do Evangelho de João que citávamos quando dizíamos que a responsabilidade é uma chamada «a um maior amor», em que Jesus pergunta a Pedro por três vezes se o ama, tem um final inquietante: *«Em verdade, em verdade te digo: Quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te lavará para onde tu não queres»*. E disse isto para indicar o género de morte com que havia de glorificar a Deus. Depois destas palavras, acrescentou: *«Segue-Me»*.

Vamos continuar a reflectir em voz alta e com grande respeito sobre este tema do sofrimento, que é um dos que mais profundamente nos interpela como homens e como cristãos.

A todos nos é exigido, mais tarde ou mais cedo, que soltemos as molas com que manipulamos a nossa vida e nos deixemos levar, como disse Jesus, *para onde não queremos ir*. As noites escuras são parte do ser humano e não se referem unicamente à morte física, pois adoptam múltiplas formas. Podem ser curtas e terrivelmente dolorosas, ou longas e duradouras, com um cansaço e uma desolação indescritíveis. Não são necessariamente acontecimentos que ocorrem de uma vez por todas, mas podem repetir-se em momentos distintos e de forma diferente ao longo da vida.

«Por algum motivo, algumas pessoas participam antes de outras e de uma maneira especialmente intensa na Paixão de Cristo e vêm-se implicadas no estranho drama do sofrimento redentor. Porque são chamados? Ignoramo-lo. Alguns deles protestarão aos gritos pelo caminho... E outros irão sem fazer ruído, crescendo na sua

vocação... mas, posto que caminham, chegarão, cada um no momento oportuno, ao momento de conhecimento, de aceitação e de entrega.». (Sheila Cassidy). Há um espaço cronológico de tempo, que é também um espaço espiritual, no qual alcançamos a profunda e visceral compreensão de que não temos aqui uma morada duradoura, de que só somos residentes temporários desta terra. É um tempo de deserto, de despojamento e de impotência. É então quando nos enfrentamos ao medo e à angústia, tão difíceis de suportar e que, apesar de tudo, fazem parte da condição humana...

Jesus também sentiu medo ao aproximar-se a sua Paixão, «*a minha alma está numa tristeza de morte*»... medo da dor, medo do processo da agonia, medo do desconhecido, dessa obscuridade que todos nos devemos enfrentar algum dia para poder chegar à Luz...

Quem arrasta os seres humanos para o caminho do Calvário? Não podemos permitir que o nosso pensamento nos faça ver Deus como autor do mal. Deus não quer que sofram, não nos manda uma doença, nem um acidente, nem uma depressão. Se não são acções de Deus, é a sua vontade passiva ou permissiva que permite o triunfo das forças do mal? Cremos que Deus não permanece passivo ante o mal visto que prometeu vencê-lo, e que o mal não tem uma justificação para Deus. Por isso nunca devemos sossegar o justo protesto das pessoas contra o mal e a dor com frases piedosas e demasiado simples. Sem embargo, o mal existe, a dor existe, o sofrimento existe. O importante é saber como o encarar, mais do que saber de onde ele vem.

Muitas pessoas não crentes reconhecem que o sofrimento ensina, que o sofrimento nos faz amadurecer. Diz o filósofo Stiffer: «*a dor é um santo anjo que nos mostra, a nós homens, um tesouro que, de outra forma, ficaria oculto*».

Nós, cristãos, sabemos que se é certo que Deus não nos envia o sofrimento, também é certo que esse sofrimento, que inevitavelmente atinge a nossa vida, pode ser uma ocasião para encontrar Deus. Dizia Eckhart, o místico renano do século XV: «*quanto mais desamparada e desprovida possa estar a alma que se volta para Deus, mais profundamente penetra a pessoa em Deus e mais sensível é aos valiosos dons de Deus*». O sofrimento, vivido perto de Deus, ainda que seja na interpelação ou no grito, aproxima-nos da experiência de Deus. Nas palavras de Job «*agora, viram-Te os meus próprios olhos*» está a chave do que nos pode trazer o sofrimento. Na luta e na obscuridade, sem se conformar com falsas e fáceis consolações, mas sem se afastar de Deus, «*Job tem um encontro pessoal com Deus e dá-se conta de que, finalmente, tem um conhecimento «carnal» dele, isto é, que o seu conhecimento passou do seu intelecto ao seu coração, ou se se preferir, às suas entranhas*». (Sheila Cassidy)

A outra coisa que nos traz o sofrimento é o consolo de saber que nos associamos a Cristo na cruz e a experiência de nos sentirmos acompanhados, confortados por Ele. Cristo, nosso mestre, nosso amigo, nosso redentor, obedecendo a

seu Pai, aceitou este caminho de impotência e desamparo, e não outro, para redimir o mundo. Viver o nosso sofrimento perto d'Ele deve ter muito valor, pois o próprio Jesus prometeu a um dos crucificados ao seu lado, àquele que não endureceu o seu coração no meio da dor: *«hoje estarás Comigo no paraíso»*.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a «regra de vida»

Perguntas para o «**dever de se sentar**»

- pensemos que bem-aventuranças conjugais poderíamos dizer um do outro;
- comentemos juntos como experimentamos a presença de Cristo nalguma situação de dor.

Sugestões para a «**regra de vida**»

Esforcemo-nos por adoptar atitudes concretas para incorporar mais profundamente algum aspecto das Bem-aventuranças na nossa personalidade.

Compartilharemos na **Partilha** o que acharmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para partilhar na reunião de equipa

- De que modo nos interpelam as bem-aventuranças? Qual é a atitude delas que gostaríamos de incorporar na nossa vida? Com que atitude das bem-aventuranças nos sentimos mais comprometidos?
- Qual foi a nossa experiência de Deus no sofrimento?

4.- Oração em equipa

Mt 11,28-30

«Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e aliviarei-vos. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis alívio para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve».

Capítulo VIII

Ser testemunhas

«Os fiéis leigos participam no *múnus sacerdotal*... na oferta de si mesmo e de todas as suas actividades...

A participação no *múnus profético* de Cristo... habilita e empenha os fiéis leigos a aceitar, na fé, o Evangelho e a anunciá-lo com a palavra e com as obras...

Os fiéis leigos participam no Seu *múnus real*... sobretudo no combate espiritual para vencerem dentro de si o reino do pecado, e depois, mediante o dom de si, para servirem, na caridade e na justiça, o próprio Jesus presente em todos os seus irmãos, sobretudo nos mais pequeninos.»

(*Christifidelis Laici* 14)

1.- Textos para leitura e reflexão

a) A dupla paixão

O amor a Deus e o amor aos nossos irmãos são a nossa dupla paixão como cristãos. Não pode existir um sem o outro. Cristo disse-nos que esse é o grande mandamento. Esse mandamento proclama primeiro o amor a Deus, porque Deus é o mais importante e a fonte de todo o amor, mas o que serve de comprovação dessa primeira afirmação é o nosso amor pelos irmãos. «*Quem não ama a seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?*» (1 Jo 4, 20). Tão simples, claro e evidente como isso.

Como leigos participamos do ofício real de Cristo de duas maneiras: «*no combate espiritual para vencerem dentro de si o reino do pecado, e depois, mediante o dom de si, para servirem, na caridade e na justiça, o próprio Jesus presente em todos os seus irmãos*» (*Christifideles laici*, 14). As duas maneiras estão também profundamente entrelaçadas, mas nós centramos muitas vezes os nossos esforços e preocupações mais na primeira do que na segunda. Um teólogo dizia que nós, católicos europeus, anglo-saxões e norte-americanos, que vivemos em sociedades globalmente mais ricas, tendemos mais para um cristianismo baseado numa introspecção de divã de psicanalista: traumas, esforços, pecados, realização pessoal, auto-estima, culpabilização... Nós completamos este pensamento, acrescentando que noutros países com maiores problemas de injustiça, na Ásia, em África, na América do Sul, por exemplo, pode haver também uma tendência teológica para se centrar demasiado na luta pela transformação das estruturas injustas e relegar para um segundo plano os pecados pessoais que tanto contribuem para elas. Que difícil é o equilíbrio!

Muitos de nós, em parte pela educação recebida, temos entendido a ética cristã sobretudo como uma busca de perfeição para chegar à santidade. Essa perfeição a que nos sentimos chamados por Deus converte-se num empenho em que nos esgotamos e até nos obcessionamos: *«vou ver se corrijo este defeito, se sou mais austero, se domino esta inclinação»*... Não é que isto esteja mal. Mas a chamada que recebemos não é para **a perfeição** apenas, mas para **a perfeição do amor**, a perfeição da caridade.

A perfeição, sem mais, leva-nos a fazer esforços morais e já sabeis que os esforços morais nos podem tornar orgulhosos e afastar-nos dos outros. Sem querer, comparamo-nos com os outros e parece-nos que fazemos mais esforços do que este ou do que aquele. A perfeição da caridade desloca o acento de nós mesmos para os outros, faz-nos mover com mais liberdade. E avançamos, preocupados só com o bem dos outros, movidos pelo vento do Espírito.

Com frequência, dizemos que queríamos ter *«um novo estilo de vida»*, mais sincero, viver com mais austeridade e liberdade, mas logo a seguir resignamo-nos a continuar na mesma - *«é tão difícil mudar os hábitos e as circunstâncias»* - para além de que a vida nos vai tornando comodistas, nos torna egoístas... Vamos deixar-nos levar, em primeiro lugar, sem condições, por esse impulso da caridade que Deus pôs no nosso coração e que tantas vezes silenciámos. É um impulso que nos leva a abrir os olhos e a aproximarmo-nos de outras pessoas e situações. Se a nossa primeira preocupação são os outros, a vida irá mudando por si só. Não fará falta propormo-nos a isso, a mudança será uma consequência do amor.

«O Islão preocupar-se-á com a fé na submissão a Deus, o Judaísmo viverá na esperança de Quem há de vir, mas a Igreja de Cristo avançará sempre na vanguarda da compaixão e da solidariedade que o Filho de Deus viveu por nós e conosco.»

(Padre Kolvenbach S.J., Superior geral dos Jesuítas).

Se a Igreja de Deus não avança nessa vanguarda de compaixão e solidariedade está a ser infiel à sua mais profunda chamada, está a deixar *a caridade primitiva*», como diz o anjo à Igreja de Éfeso, no Apocalipse.

Somos todos irmãos, filhos de um único Pai. Vivemos num único mundo comum e somos responsáveis uns pelos outros. Mas, que sucede? Cada vez vemos mais desigualdades, mais violências. Cada vez estamos mais separados por nacionalidades, raças e religiões. As estatísticas angustiam-nos... no mundo, morrem de fome ou de doença 250.000 crianças por semana, há 27 milhões de pessoas que vivem em campos de refugiados, cerca de 4.000 milhões de seres humanos estão oficialmente classificados como pobres... etc.

«Que podemos fazer?», perguntámos uma vez a um missionário amigo que nos contava comoventes casos de pobreza, de doença, de marginalização, de ignorância, vividos por ele num país africano. Ainda recordamos o que nos disse: *«agora, concretamente, podeis colaborar comigo ajudando-me com dinheiro e isso podereis*

fazer sempre, pois a situação é terrível. Mas o mais importante que podeis fazer para ajudar os «dali» é «aqui» que se joga, na vossa situação concreta, na vossa vida, no vosso país. Se cada cristão vivesse interrogando-se sempre se actua com justiça no seu círculo mais próximo, abrindo os olhos e os ouvidos às necessidades daqueles que se cruzam no seu caminho, e deixando-se levar sem receio pelo impulso da caridade que Cristo depositou no seu coração, já não seria necessária nenhuma outra coisa, o mundo seria coberto por uma ampla rede de círculos solidários».

«Actuar com justiça no nosso círculo mais próximo », «abrir os olhos e os ouvidos às necessidades daqueles que se cruzam no nosso caminho» são duas propostas que chegam para encher uma vida porque há tantas necessidades: crianças doentes, abandonadas ou maltratadas, crianças e jovens incapacitados, que necessitariam de tempo e de amizade, da possibilidade de umas férias, de ensino no seu domicílio, de famílias de acolhimento, de educadores... jovens sem horizontes, com pouca formação, com problemas de marginalização, de droga, de sida, de reinserção depois de experiências prisionais, que necessitam de acompanhamento, de programas formativos e sobretudo de pessoas que sejam modelos de identificação em projectos solidários... Imigrantes de outras raças e religiões que não encontram mais que solidão e novas razões para delinquir, casais jovens em busca de «algo mais» para a sua relação de casal, algo que os inicie na pedagogia da conjugalidade e lhes revele que são um sacramento para o mundo, casais feridos que ainda estão a tempo de recuperar a sua relação se alguém os ajudar, pessoas separadas que procuram o seu próprio caminho de fé na Igreja, pessoas idosas que se encontram sós e que precisam de visitas, de acompanhamento, de ajuda na resolução de problemas práticos, famílias nos limites da marginalização e da pobreza a quem falta um trabalho, uma preparação ou simplesmente os meios materiais que a muitos de nós sobram... Decerto que vos ocorrem muitos outros casos, para além dos que citamos como exemplo...

O importante não é que a lista esteja completa, pois, infelizmente, constantemente se amplia para um lado diferente, o importante é que todas essas necessidades são uma chamada para nós. Nós, os cristãos, temos que ser testemunhas do amor de Deus pelos homens. Como vão crer que Deus os ama se não vêm que nos os amamos?

b) Como Deus faz os milagres

Não sabemos se lestes a novela «**Crónica de uma morte anunciada**» de Gabriel García Márquez. Narra a gestação de um assassinato, como se desencadeia o drama e as circunstâncias que o produzem. O assassino é apenas o último peão da história. Há uma acumulação de factos e de pessoas relacionados entre si que se

conjugam, se entrelaçam, se potenciam, se somam, para desembocar no desenlace final, essa morte quase inevitável.

Não sabemos se já vos destes conta de como Deus faz «os milagres». Porque nos «milagres» também se conjugam muitas coisas, participam muitas pessoas, ainda que no final seja Deus o que tem a última e definitiva intervenção.

É que Deus não gosta de actuar senão no último momento e gosta de o fazer de modo discreto. Deus convida sempre primeiro os homens a colaborar com Ele. Não nos convida separadamente mas sim em comunidade, talvez para que vejamos que Ele quer que trabalhemos juntos, como membros de um só Corpo. Ele gosta de que os homens participem com a sua fé, com o seu esforço, com os seus talentos, contribuindo cada um com uma coisa, e que ponham previamente os alicerces da sua intervenção directa.

No final dessa colaboração humana, Ele actua, Ele transforma, Ele intervém, e então encontramos-nos com um resultado que ultrapassa as expectativas humanas, que é muito superior aquilo com que nós tínhamos contribuído. Essa intervenção de Deus quase sempre se realiza num tempo diferente do que tínhamos imaginado, de uma maneira diferente da que esperávamos, de uma maneira que é, no fundo, muito mais sábia, muito mais acertada, muito mais profunda.

De tal modo Deus gosta de utilizar os recursos humanos que não se contentou com comunicar-se com os homens através da sua Palavra, mas antes encarnou a sua Palavra num Homem nascido de mulher.

Esse Homem, Jesus, Filho seu, nosso irmão, veio à terra para cumprir a vontade do seu Pai e seguiu, pois, essa mesma linha de actuação, associando os homens à sua obra de redenção. E esse é o estilo de muitos dos seus milagres: o dos pães e dos peixes, da pesca milagrosa, etc.

Vamos centrar-nos num desses «milagres», o primeiro de todos os da sua vida pública: o das bodas de Caná. Sabeis que por trás do acontecimento concreto da falta de «vinho», que nos narra o texto do Evangelho, há toda uma simbologia profunda que nos fala de purificação e de renovação. Recordamos, por exemplo, as palavras do **Segundo Fôlego**: *«"Eles não têm vinho", dizia Maria nas Bodas de Caná, antecipando assim e com a Sua profunda intuição a intervenção salvadora de Cristo. Também hoje faltam muitas espécies de "vinho" nas Bodas da Terra.»*

Já abrimos os olhos e pudémos descobrir alguns desses «vinhos» que faltam na nossa vida, na Igreja e no mundo. Continuaremos a tentar manter os nossos olhos e os nossos ouvidos bem abertos para estarmos atentos a tantas necessidades... Mas não vamos, neste momento, discernir sobre essas necessidades, mas antes centrar-nos na génese do «milagre» das bodas de Caná para desmistificar esta palavra «milagre» e para a compreender à maneira de Jesus.

Jesus teria podido fazer o «milagre» do vinho directamente, sem necessitar de que os servidores lhe trouxessem primeiro a água. Mas não queria espectadores

passivos, à espera da sua intervenção mágica, mas antes colaboradores activos que se associassem a Ele, cada um segundo as suas circunstâncias.

E assim se desenvolveu o «milagre»: os noivos convidaram Jesus para a boda, e não só a Ele mas também a sua Mãe e os seus discípulos, a sua Mãe deu-se conta de que já não tinham vinho e disse-o a Jesus, Ela também disse aos servidores «*Fazei o que Ele vos disser*», Jesus dirigiu-se aos servidores e disse «*Enchei de água essas talhas*», os servidores obedeceram e encheram as talhas de água com o seu esforço e o seu trabalho, Jesus converteu-a em vinho, o chefe de mesa provou-o e fê-lo saber ao noivo, os seus discípulos fizeram um acto de Fé n'Ele. E o resultado final é o mesmo em todos os «milagres»: tudo concorre para o bem dos homens e a manifestação da glória de Deus.

Cada um tem um papel nesta história. Se algum tivesse deixado o seu de lado por omissão, por medo, por preguiça, talvez tudo tivesse falhado. Se os noivos não tivessem convidado Jesus e a sua Mãe... se a festa da boda não tivesse continuado... se a sua Mãe não se tivesse dado conta de que faltava o vinho... se os servidores não tivessem carregado a água... se o chefe de mesa não o tivesse provado... se os discípulos não tivessem estado presentes... talvez Jesus não tivesse convertido água em vinho.

Assim é como nós, os cristãos, temos que actuar na vida se queremos que Deus faça «milagres» que transformem o mundo e construam o seu Reino.

Se pensardes em algum acontecimento verdadeiramente importante da vossa vida, em que pudestes sentir a presença transformadora de Deus, vereis que o «milagre» seguiu este mesmo processo. Não se tratou seguramente de nada espectacular, mas as coisas e as pessoas mudaram substancialmente.

Se olharmos para fora, para esse mundo difícil que nos rodeia, encontramos sempre desculpas para não actuar: queremos viver tranquilos e esquecer os problemas, estamos cansados, abatidos pelo trabalho, sentimo-nos incapazes de fazer frente a tantas necessidades... E, de facto, há épocas da vida em que seria uma grave irresponsabilidade querer assumir compromissos exteriores, filhos muito pequenos, pais doentes, problemas de saúde... Nesses casos não devemos culpabilizar-nos mas antes concentrarmo-nos na aparentemente «pequena» missão que Deus pôs nas nossas mãos e vivê-la junto a Ele. O importante não é o que fazemos mas sim a atitude da nossa entrega. Sem embargo, é também necessário que esta questão da missão permaneça em nós como uma interrogação que se coloca ao longo da vida e se resolve de maneira diferente segundo as circunstâncias.

Porque a grande questão para os cristãos, a incrível questão, é que **Deus necessita de nós**. Temos de trabalhar juntos uns com os outros, trazendo cada um o seu «talento», a sua «água», por muito pequena que seja, para dar oportunidade a Deus de fazer «milagres» que manifestem o seu Amor pelos homens e que dêem aos homens ocasião de reconhecer a Sua glória.

2.- Propostas práticas para o «dever de se sentar» e a «regra de vida»

Perguntas para o «dever de se sentar»

- Vamos recordar juntos as pessoas que conhecemos e que estão em dificuldade. Como as poderíamos ajudar mais?
- Em que parcela da «vinha do Senhor» nos sentimos chamados a trabalhar? Estamos em circunstâncias de o fazer nestes momentos?

Sugestões para a «regra de vida»

- façamos o esforço de nos colocarmos na pele, situação, problemas, necessidades, desejos, aspirações, de alguma pessoa que conhecemos e que vive em circunstâncias difíceis.

Compartilharemos na **Partilha** o que acharmos conveniente sobre estes dois pontos concretos de esforço.

3.- Perguntas para compartilhar na reunião de equipa

- Que significa para nós tender para «a perfeição do amor»? Com que atitudes concretas e em que área concreto tentamos viver isto?
- Temos experiência de ter assistido ou colaborado em algum «milagre» tal como foi apresentado no texto? Qual foi o processo?

4.- Oração em equipa

Mt 12 9-14

«Dali, foi à sinagoga. Encontrava-se lá um homem que tinha uma das mãos ressequidas, e eles fizeram-Lhe esta pergunta a fim de O poderem acusar: «Será permitido curar ao sábado»? Mas Ele perguntou-lhes: «Quem de entre vós, possuindo uma ovelha, se ela cair ao sábado num poço, não a irá buscar e puxar para cima? Ora, não vale o homem muito mais que uma ovelha? Assim, pois, é lícito praticar o bem ao sábado». Disse, então, ao homem: «Estende a tua mão». Ele estendeu-a e ela tornou-se sã como a outra.

Os fariseus, saindo, reuniram-se em conselho contra Ele, para o matarem.»